



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG



INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSICO

**”EU NÃO SOU DAQUI”: NARRATIVAS SOBRE OS EFEITOS DA
IMIGRAÇÃO NA SUBJETIVIDADE DE ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS**

Everton Brum Braga

Rio Grande, 2022



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSICO



**”EU NÃO SOU DAQUI”: NARRATIVAS SOBRE OS EFEITOS DA
IMIGRAÇÃO NA SUBJETIVIDADE DE ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS**

Everton Brum Braga

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rita de Cássia Maciazeki-Gomes

Rio Grande, 2022



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG



INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSICO

Everton Brum Braga

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia

**”EU NÃO SOU DAQUI”: NARRATIVAS SOBRE OS EFEITOS DA
IMIGRAÇÃO NA SUBJETIVIDADE DE ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS**

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Rita de Cássia Maciazeki-Gomes – Orientadora (FURG)

Prof^ª. Dr^ª. Geruza Tavares D’Ávila – (FURG)

Prof^ª. Dr^ª. Jeane Lessinger Borges – (IENH)

Ficha Catalográfica

B813e Braga, Everton Brum.

"Eu não sou daqui": narrativas sobre os efeitos da imigração na subjetividade de estudantes universitários / Everton Brum Braga. – 2022.

96 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Rio Grande/RS, 2022.

Orientadora: Dra. Rita de Cássia Maciazeki-Gomes.

1. Subjetividade 2. Narrativa 3. Experiência 4. Imigração 5. Saúde Mental 6. Universitários I. Maciazeki-Gomes, Rita de Cássia II. Título.

CDU 314.742

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente, à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Maciazeki-Gomes, pelo longo trabalho de orientação, pela competência excelente, pela disponibilidade, pela amizade, pelo carinho despendido em todo esse longo processo de pesquisa. Não teria conseguido sem tua inestimável ajuda. Obrigado!

Agradeço também aos colegas do mestrado e do grupo de estudos *Narrativas*, coordenado pela Prof^a. Rita, os quais colaboraram bastante para a consecução desse trabalho, em especial, à colega Jaciana Marlova Gonçalves Araújo. Obrigado!

Agradeço também aos professores do PPGPsico, pela competência, pelo acolhimento, pelo carinho ofertado a mim e à minha formação durante esses mais de dois anos de mestrado. Agradecimento especial ao Prof. Dr. Lucas Neiva Silva, à Prof^a. Dr^a. Simone dos Santos Paludo, à Prof^a. Dr^a. Geruza Tavares D'Ávila, à Prof^a. Dr^a. Airi Sacco, à Prof^a. Dr^a. Daniela Barsotti Santos, à Prof^a. Dr^a. Beatriz Schmidt e ao Prof. Dr. Alain Giami. Obrigado!

Agradecimento especial à Prof^a. Dr^a. Cassiane de Freitas Paixão, que me acompanha desde a Especialização em Sociologia e que consentiu em colaborar também no meu processo de formação de mestrado. Obrigado!

Por fim, agradeço a Deus e aos meus orixás por toda energia positiva que me permitiu chegar até aqui. *Kaô Kabiecilê Xangô, babá mi! Ore ye yê ô Oxum, yá mi!*

“Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o beco para a liberdade se fazer. Sou um homem ignorante. Mas, me diga o senhor: a vida não é cousa terrível? Lengalenga. Fomos, fomos. (...) O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.” (Guimarães Rosa In “Grande Sertão: Veredas”).

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	14
1.1 - Imigração universitária e subjetividade: apresentação do pesquisador e da pesquisa.....	14
1.2 - Imigração universitária e subjetividade: apresentação da cidade do Rio Grande – RS e da FURG.....	17
CAPÍTULO II – REVISÃO TEÓRICA	22
2.1 - A expansão do ensino superior e o aumento da taxa de imigração da população universitária.....	22
2.2 - Imigração e Subjetividade.....	25
2.3 – Sociedade, Subjetividade e Espaço: uma relação multidisciplinar entre Sociologia, Psicologia e Geografia	27
2.4 - Narrativas das Experiências de Imigração Universitária.....	30
CAPÍTULO III – MÉTODO	33
3.1 – O Delineamento do Estudo.....	33
3.2 – Participantes.....	35
3.3 – Instrumentos e Procedimentos.....	36
3.4 – Análise dos Dados	37
3.5 – Considerações Éticas	39
CAPÍTULO IV - RESULTADOS E DISCUSSÃO	40
4.1 - <i>Tema I - Processo Imigratório Universitário</i>	41
4.1.1 – <i>Perfil</i>	41
4.1.2 - <i>Motivações</i>	46
4.2 - <i>Tema II - Experiências de Imigração Universitária e Saúde Mental</i>	48
4.2.1 - <i>Experiências de Agravamento à Saúde Mental</i>	49
4.2.2 – <i>Experiências de Imigração Universitária, Saúde Mental e Pandemia</i>	53
4.2.3 – <i>Experiências de Imigração Universitária e Saúde Mental na Sociedade do Cansaço</i>	61

4.3 - Tema III - Fatores de Proteção Psicossocial nas Experiências de Imigração Universitária.....	67
4.4 - Tema IV - Experiências de Imigração Universitária: mudanças na subjetividade e perspectivas de futuro	72
4.4.1 – Desenvolvimento psicossocial, quebra de preconceitos e convivência com a diferença	73
4.4.2 – Transformações na subjetividade e criação de novos critérios de mundo	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	89
APÊNDICE II - QUESTÕES PARA O INSTRUMENTO GERAL	92
APÊNDICE III – BANNER DA PESQUISA ONLINE (CONSÓRCIO)	93
APÊNDICE IV – ROTEIRO DISPARADOR/ORIENTADOR.....	94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Localização de Rio Grande-RS no mapa do RS</i>	17
Figura 2 – <i>Localização do Campus Carreiros da FURG</i>	22
Figura 3 – <i>Municípios aos quais pertencem os participantes (em vermelho) e Rio Grande-RS, sede da FURG (em azul), no mapa do Brasil</i>	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – <i>Quadro Temático (Temas e subtemas)</i>	41
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA – Bahia

COVID-19 – Doença do Coronavírus detectada inicialmente em 2019

CSSE - Centro de Ciência e Engenharia de Sistemas

DCE – Diretório Central dos Estudantes

EE – Escola de Engenharia

EENF – Escola de Enfermagem

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

EUA – Estados Unidos da América do Norte

FAMED – Faculdade de Medicina

FIES - Fundo de Financiamento Estudantil

FURG – Universidade Federal do Rio Grande

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICHI – Instituto de Ciências Humanas e da Informação

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MG – Minas Gerais

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

P + numeral romano – Participante em ordem de entrevista

PNE – Plano Nacional de Educação

PPGPsico – Programa de Pós-Graduação em Psicologia

PRAE – Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

PROUNI – Programa Universidade Para Todos

PSDB – Partido da Socialdemocracia Brasileira

PT – Partido dos Trabalhadores

REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

RS – Rio Grande do Sul

SiSu – Sistema de Seleção Unificada

SP – São Paulo

TAE – Técnico-Administrativo em Educação

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

RESUMO

O trabalho doravante apresentado, que faz parte de um estudo mais amplo, consorcial, propõe um estudo investigativo qualitativo, de caráter transdisciplinar e do tipo Pesquisa-Intervenção. A pesquisa está posicionada no campo da Psicologia Social junto à linha de pesquisa Psicologia Comunitária e Processos Psicossociais, tendo por objetivo mapear e analisar as narrativas das experiências de imigração universitária de estudantes de graduação e os efeitos dessas experiências em suas subjetividades, sob uma perspectiva cartográfica. Dentre os conceitos mobilizados no estudo, destacam-se os de Narrativa, Subjetividade, Imigração, Experiência e Experiência-feto, Saúde Mental e Imigração. Foram realizadas entrevistas narrativas, de modo remoto, com 10 estudantes. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas a partir da Análise Temática. Do processo de análise, emergiram discussões relacionadas: i) ao processo migratório, ii) à saúde mental, iii) à pandemia de COVID-19, iv) aos fatores de proteção psicossocial e v) às transformações na subjetividade. Os dados produzidos apontaram a condição de estudante imigrante como uma população com características específicas relacionadas à saúde mental, que demandam um olhar e ações diferenciadas por parte da universidade. Os períodos da chegada à universidade, bem como os primeiros dois anos de experiência estudantil demandam maior atenção. Como fatores protetivos, destacaram-se o apoio familiar, o apoio institucional e o apoio social. O ingresso na universidade trouxe mudanças significativas e majoritariamente positivas na subjetividade dos participantes no decorrer da vivência universitária. A partir dos resultados da pesquisa, sugerem-se investimentos relacionados ao apoio psicossocial e material a esses estudantes, por parte da universidade. Recomenda-se a promoção de grupos de apoio social e psicológico, a aproximação da instituição com a família do estudante, a expansão e o melhoramento na oferta de auxílios estudantis, sobretudo no campo da saúde mental. Também, se sugere a promoção de programas institucionais de conscientização geral sobre as características e demandas especiais dos estudantes imigrantes, buscando a promoção da sensibilização e do acolhimento por parte de toda a comunidade universitária.

Palavras-Chave: Subjetividade; Narrativa; Experiência; Imigração; Saúde Mental; Universitários.

ABSTRACT

The work presented hereinafter, which is part of a broader, consortium study, proposes a qualitative investigative study, of a transdisciplinary nature and of the Research-Intervention type. The research is positioned in the field of Social Psychology and in the line of research Community Psychology and Psychosocial Processes, aiming to map and analyze the narratives of university immigration experiences of undergraduate students and the effects of these experiences on their subjectivities, under the conduction of the Cartographic method. Among the concepts used in the study, the concepts of Narrative, Subjectivity, Immigration, Experience and Experience-fetus, Mental Health and Immigration. Narrative interviews were conducted remotely with 10 students. The interviews were recorded, transcribed and analyzed using the Thematic Analysis. From the analysis process, four themes and respective subthemes emerged, linked to the immigration process, mental health, the COVI-19 pandemic, psychosocial protection factors and changes in subjectivity, among others. The data produced showed the condition of immigrant student as a population with specific characteristics and demands related to mental health, which demand a different look and actions by the university. The periods of arrival at university, as well as the first two years of student experience, demand greater attention. As protective factors, family support, institutional support and social support stood out. Admission to the university brought significant and mostly positive changes in the subjectivity of the participants during the university experience. Based on the research results, investments related to psychosocial and material support by the university are suggested for these students. We highlight the promotion of social and psychological support groups, bringing the institution closer to the student's family, expanding and improving the offer of student aid, especially in the field of mental health. Also, it is suggested the promotion of institutional programs for general awareness of the characteristics and special demands of immigrant students, seeking to promote awareness and acceptance by the entire university community.

Key Words: Subjectivity; Narrative; Experience; Immigration; Mental Health; College Students.

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

1.1 - Imigração universitária e subjetividade: apresentação do pesquisador e da pesquisa

Antes de tudo, uma questão. Sendo esta pesquisa baseada em narrativas de experiências de sujeitos, convém que eu me apresente brevemente, agora, assim como o fiz antes do início de cada entrevista com as participantes deste estudo. A apresentação convém no sentido de historicização e humanização do narrador-pesquisador perante os demais envolvidos na pesquisa. Apresentar-se, primeiramente, também é um sinal social de boa-fé, transparência e confiança, que ajuda a desenvolver os laços afetivos interpartes.

Meu nome é Everton Brum Braga. Tenho 46 anos, solteiro e sou natural de Rio Grande-RS. Nasci e me criei num bairro de classe média, onde moro até hoje, no centro da cidade, numa antiga região que já fora importante centro industrial.

Aos 15 anos, por conta da morte dos meus pais, precisei abandonar os estudos, no primeiro semestre do primeiro ano do Ensino Médio. Em 2003, aos 28 anos, retomei os estudos na modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA, formando-me em 2004. No mesmo ano, prestei vestibular para a FURG, passando para o curso de Geografia-Licenciatura, através do qual me formei em 2014.

Em 2012, passei num concurso para Técnico-Administrativo em Educação - TAE na FURG, assumindo o cargo de Assistente em Administração no mesmo ano. Fui lotado, nos primeiros dois anos, no Gabinete do Reitor. Em 2014, fui transferido para a Escola de Engenharia – EE, onde estou até hoje e onde desempenho a função de Secretário-Geral.

Em 2017, ingressei na primeira turma do Curso de Especialização em Sociologia (Pós-Graduação *Lato sensu*) da FURG, formando-me em 2019. Nesse mesmo ano, passei para a primeira turma de Mestrado em Psicologia da FURG, onde estou até hoje.

Posto isso, o estudo ora apresentado, inserido no campo da Psicologia Social, tem por objetivo geral cartografar e analisar as narrativas das experiências de imigração universitária de estudantes de graduação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG e os efeitos dessas experiências em suas subjetividades. Busco compreender como o fato de ser estudante universitário imigrante, ou seja, vindo de fora da cidade, afeta sua subjetividade, entendida como seu modo de ver e de se relacionar consigo mesmo, com os outros e com o mundo; quais estratégias de enfrentamento utilizam, como qualificam essas experiências, quais sentimentos, emoções, desejos e expectativas suscitam. A partir dos resultados, veiculados pelas narrativas desses estudantes, obtidas através de entrevistas individuais, espera-se compreender as experiências vividas e percebidas em tais condições, assim como diagnosticar demandas por melhorias nas condições psicossociais dos mesmos, com repercussões positivas em toda a comunidade envolvida.

Este estudo se insere numa pesquisa maior, consorcial, composta por docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPsico do Instituto de Ciências Humanas e da Informação - ICHI da FURG. A pesquisa em consórcio, com o título de “*Vivências dos Estudantes Brasileiros fora e dentro do contexto universitário*”, um estudo quantitativo e qualitativo, tem por objetivo geral avaliar as vivências de estudantes universitários brasileiros a partir de temas como satisfação acadêmica e procrastinação, violência sexual e cultura do estupro, resiliência e apoio social e relação entre imigração e subjetividade. O estudo consorcial foi veiculado na internet através de um formulário online, a partir do qual 33 candidatos se credenciaram, dos quais 10 participaram deste estudo. A maioria das participantes relatou ter encontrado o formulário online através de suas redes sociais ou por e-mail, tendo como principal motivação para participar da pesquisa a associação que

elas fizeram entre a descrição da minha proposta de estudo no formulário e o tema da saúde mental. A ideia preliminar era realizar uma integração dos dados produzidos pelo consórcio, o que não foi possível, por questões de desencontro de prazos, tendo sido a proposta de integração postergada para mais adiante, em trabalhos futuros.

A ideia do estudo emerge a partir de preocupações pessoais minhas a respeito da população universitária imigrante, pelo aumento da mobilidade estudantil universitária interna e pela consciência de que o deslocamento espacial do lugar repercute também nos planos cultural, social e psicológico da vida dessas pessoas. Minha experiência como profissional, como servidor técnico-administrativo da FURG, também colaborou para a escolha da temática deste estudo, pelo convívio de quase 10 anos com a realidade de estudantes imigrantes. Por outro lado, minha experiência na graduação em Geografia (Licenciatura) na FURG também motivou este estudo, pois tornaram conscientes a mim os impactos que a mobilidade espacial exerce sobre a subjetividade das pessoas, no caso, de estudantes universitários imigrantes. O afastamento de seus familiares, amigos, comunidade, ou seja, do seu meio psicossocial, bem como de hábitos e costumes, e a chegada a um ambiente diferente, geram impactos na subjetividade e na própria vida, assim como na comunidade em que o estudante está inserido e interagindo. Mesmo não sendo imigrante, eu me identifiquei com muitas das dificuldades e desafios que observei em estudantes imigrantes da FURG, colocando-me empaticamente no lugar deles, pois também passei por problemas parecidos na graduação. Destarte, este estudo busca investigar esses impactos na subjetividade a partir das narrativas dos próprios estudantes, sobre como experienciam e qualificam suas experiências no novo contexto.

Falando em contexto, esta pesquisa inicia em 2019, ainda em nível de proposta, quando a pandemia de COVID-19 ainda não havia atingido patamares de obrigatoriedade de suspensão das atividades na FURG e isolamento social. Nesse sentido, a ideia inicial era fazer entrevistas presenciais, o que não foi possível por conta das contingências da pandemia. Destarte, esta pesquisa também foi afetada pelo contexto pandêmico, tendo

que se adaptar à nova situação, não só na questão da metodologia, mas também na própria escrita, que teve que colocar o contexto da pandemia como um dos elementos centrais para analisar as experiências dos estudantes.

Outra motivação para a pesquisa é o reduzido número de estudos a respeito dessa relação subjetividade-imigração no contexto universitário brasileiro, de acordo com o que apurei em levantamento de literatura. A maior parte dos estudos do gênero procura investigar a relação entre estudantes universitários e saúde mental, não contemplando os efeitos na subjetividade como um todo, como os efeitos no modo de se relacionar consigo mesmo e com os outros ao se deslocarem do lugar de moradia para estudar em outro lugar, como na FURG.

1.2 - Imigração universitária e subjetividade: apresentação da cidade do Rio Grande – RS e da FURG

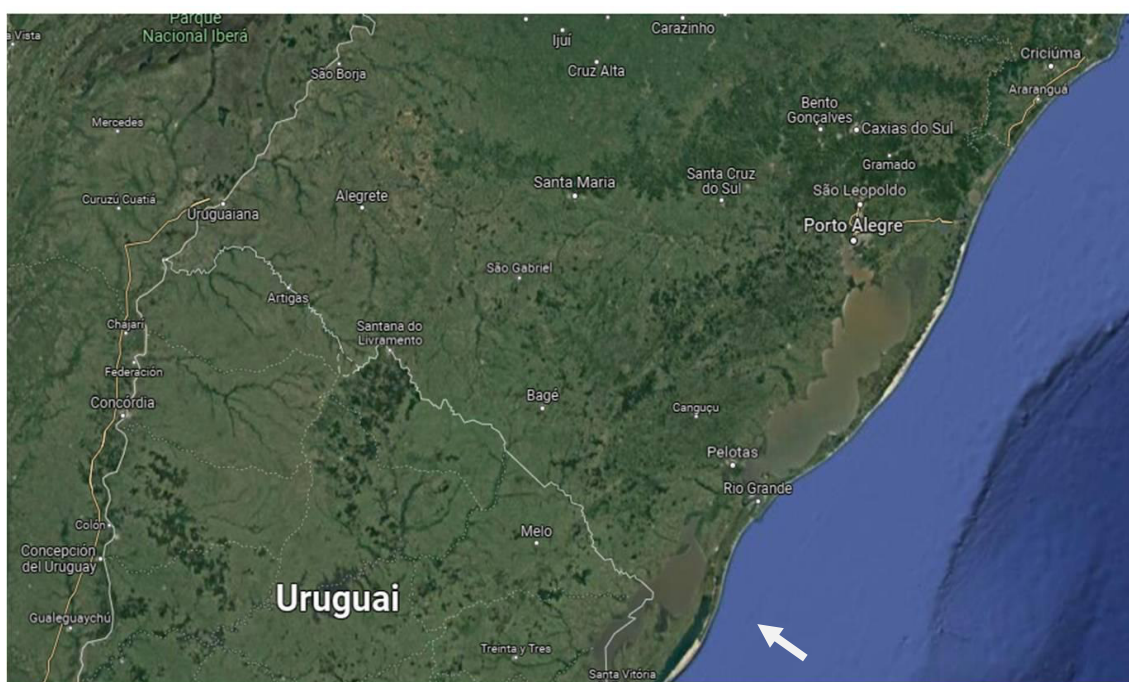


Figura 1 - Localização de Rio Grande-RS no mapa do RS. Fonte: Google Maps, 2021.

A Universidade Federal do Rio Grande, popularmente conhecida como FURG, tem sede em Rio Grande, cidade litorânea do Rio Grande do Sul (RS) no extremo sul do Brasil. É a cidade mais antiga do RS, fundada por portugueses em 1737, como um forte militar. Foi o primeiro ponto ocupado

pelos portugueses no território entre Colônia do Sacramento (atual Uruguai) e Laguna-SC. Em 1760, foi elevada à capital da mais nova unidade territorial portuguesa no Brasil, a Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, o atual estado do RS (Prefeitura Municipal do Rio Grande - PMRG, 2022).

Nas disputas entre Portugal e Espanha em tempos coloniais, chegou a ser invadida e tomada pelos espanhóis (1763-1776), voltando-se, ao fim e definitivamente, ao domínio português. Rapidamente, passou à condição de cidade, em 1835, quando foi deflagrada a Guerra dos Farrapos (1835-1845).

Por sua posição geográfica na foz da Laguna dos Patos, Rio Grande se desenvolveu associada ao mar e à laguna. Tornou-se o principal porto do RS, hoje, chamado de Superporto, e mais recentemente, foi sede de um Polo Naval ligado ao setor de Petróleo e Gás (PMRG, 2022).

No século XIX, prosperou com o comércio marítimo e lacunar, desenvolvendo um forte mercado de exportação e importação, sobretudo em torno das charqueadas. Atraiu as primeiras indústrias modernas do RS e do Brasil, como a pioneira no estado, a popularmente chamada Fábrica Rheingantz, do setor têxtil, fundada em 1873.

O século XX viu Rio Grande virar sede de um complexo de frigoríficos de produção de carne em escala de exportação, do qual se destacou o Frigorífico Swift, com sede nos EUA, instalado em Rio Grande em 1917. Em 1936, é transferida de Uruguaiana uma pioneira refinaria de petróleo que, consolidada em Rio Grande, foi um motor decisivo para o desenvolvimento da cidade, do estado e, como veremos depois, para a criação da FURG: a Refinaria de Petróleo Ipiranga. Destarte, a industrialização teve bom desenvolvimento naquela época, fazendo a cidade crescer e se expandir.

A partir dos anos 1960, Rio Grande se torna território estratégico do Governo Militar. A cidade se torna a sede do 5º Distrito Naval, em 1983, com jurisdição até a fronteira com SP. O velho porto é substituído por um complexo portuário moderno, gênese do atual Superporto. Um complexo fabril do setor

de fertilizantes e de pescados começa a se desenvolver na cidade, iniciando um novo ciclo de desenvolvimento.

Nessa esteira, o governo federal promulga o Decreto-Lei 774/69, federalizando a FURG, que passa, doravante, a atuar como protagonista no desenvolvimento local, regional, nacional e internacional (FURG, 2022). Assim, hoje, seria impossível contar a história de Rio Grande sem citar a FURG, e vice-versa, tampouco seria possível contar a minha história e a dos participantes dessa pesquisa.

É do escopo deste trabalho investigar os efeitos que a condição de imigrante suscita na subjetividade de graduandos experientes da e na FURG. A FURG é o palco principal em torno do qual ocorreram as experiências registradas neste estudo. Portanto, convém apresentar um pouco essa universidade.

A FURG tem uma história que se confunde com a da cidade e a da comunidade local. Surge das demandas da Refinaria de Petróleo Ipiranga, nos anos 1950, hoje, Refinaria Sul-Riograndense. Nasce como Fundação Privada no campo da Engenharia Industrial. Outras faculdades foram surgindo ao longo do tempo, como a de Direito e a de Economia. Em 1969, o Decreto-Lei nº 774/69 cria a Universidade do Rio Grande, federalizando a instituição (FURG, 2022).

A Universidade Federal do Rio Grande, também e mais conhecida como FURG, é uma Fundação Pública específica ao ensino superior e ao ensino médio profissional. Opera em três grandes áreas: Ensino, Pesquisa e Extensão. É voltada para os Ecossistemas Costeiros e Oceânicos. Tem status de Autarquia Pública, possuindo autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial. É um ente fundacional autárquico que faz parte da Administração Indireta da União (FURG, 2022).

A FURG possui uma estrutura *multicampi*, em diferentes regiões do RS. Há um *campus* em Santa Vitória do Palmar-RS, um em Santo Antônio da Patrulha-RS, outro em São Lourenço do Sul-RS. O campus-sede fica em Rio

Grande, o *Campus Carreiros*, onde fica a alta administração e a maior parte da Universidade. Inaugurado em 1971, o *Campus Carreiros* ocupa um amplo território de aproximadamente 250 hectares, em região afastada do centro da cidade. Também em Rio Grande, no centro da cidade, fica o *Campus Saúde*, com a *Faculdade de Medicina (FAMED)*, a *Escola de Enfermagem (EENF)* e o *Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Jr - HU (FURG, 2022)*.

A FURG possui 13 Unidades Acadêmicas e oito Pró-Reitorias. Possui uma ampla infraestrutura, com salas de aulas, laboratórios, restaurantes e espaços de convivência. A FURG possui 64 cursos de graduação, 14 Residências, 24 Especializações, 33 mestrados, 13 doutorados e 150 Grupos de Pesquisa CNPq, além de centenas de projetos de Extensão, Pesquisa, Ensino, Cultura e Inovação. Possui algo em torno de 10 mil estudantes de graduação e 2500 de pós-graduação (FURG, 2022). Quanto a recursos humanos, conta com em torno de 900 docentes e 1200 técnico-administrativos em educação (TAE).

Dentre as pró-reitorias, destaca-se a *Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis - PRAE*, o órgão institucional mais ressaltado pelos nossos entrevistados, como poderá ser visto mais adiante. A PRAE é a unidade administrativa responsável pela operacionalização das políticas orientadas pelo PNAES – Programa Nacional de Assistência Estudantil e do PDE – Programa Institucional de Desenvolvimento do Estudante da FURG. A PRAE presta apoio e assistência aos estudantes da FURG, buscando garantir a permanência até a conclusão dos estudos, além da formação humana, profissional e cidadã. Oferece serviços de assistência material e nas áreas de saúde física e mental. Dentre os tipos de auxílios oferecidos pela PRAE aos estudantes, destacam-se os voltados para a Inclusão Digital, Alimentação, Moradia e Transporte, estes três últimos oferecidos no bojo do Subprograma de Assistência Básica - SAB. A PRAE também possui o Programa de Apoio aos Estudantes com Necessidades Específicas – PAENE, voltado para estudantes com algum tipo de deficiência e/ou necessidade específica, bem como é responsável pelo Programa Acolhida Cidadã da FURG, que visa a receber e integrar os novos estudantes com base na afetividade. A PRAE também é responsável pelas Casas do Estudante da

FURG, onde algumas das entrevistadas moram ou moraram. São nove Casas do Estudante Universitário – CEU no total: sete em Rio Grande-RS (cinco no *Campus* Carreiros e duas próximas ao mesmo), uma no *Campus* São Lourenço do Sul e uma no *Campus* Santa Vitória do Palmar. As CEU são voltadas especificamente para estudantes de fora da cidade, ou seja, imigrantes, de baixa renda (FURG, 2022).

A FURG funciona em três turnos: manhã, tarde e noite, de modo presencial. Contudo, por conta da pandemia de COVID-19, sobre a qual falaremos mais adiante, passamos quase dois anos em trabalho remoto. No mês de setembro de 2020, as aulas foram retomadas na FURG, mas de modo exclusivamente remoto. Particularmente, vivi esse isolamento enquanto profissional e estudante. Somente agora, há dois meses, a FURG começou a retomar, timidamente, suas atividades presenciais. A FURG está na Fase II de seu Plano de Contingência quanto à Pandemia de COVID-19, etapa de retomada gradativa das atividades presenciais dos servidores da universidade. A FURG está trabalhando presencialmente em turno reduzido, das 9h às 13h, de segunda a sexta-feira. No processo de retomada para o ensino presencial, o planejamento é iniciar o calendário letivo, em abril de 2022, totalmente presencial.

De todo modo, assim como o mundo inteiro, a FURG foi significativamente atravessada pela pandemia, tanto quanto este estudo. E é essa FURG que, doravante, vai centralizar todo o contexto dessa investigação, posto que seja o *lócus* da experiência dos sujeitos dessa pesquisa, experiência plenamente atravessada pelo vetor da imigração.

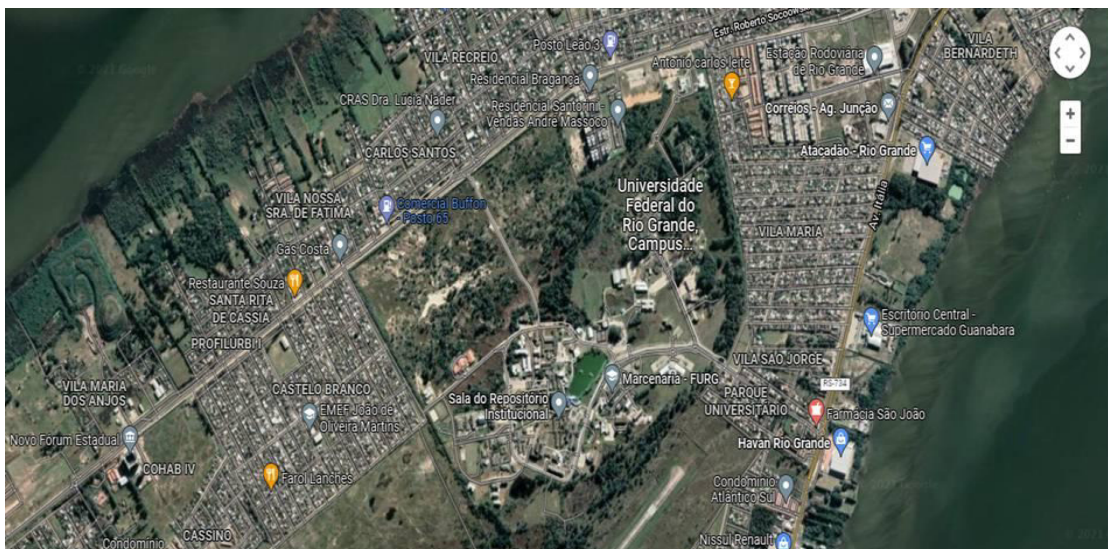


Figura 2 - Localização do Campus Carreiros da FURG. Fonte: Google Maps, 2021.

CAPÍTULO II – REVISÃO TEÓRICA

2.1 - A expansão do ensino superior e o aumento da taxa de imigração da população universitária

Segundo a literatura consultada (Almeida & Souza, 2019; Li, 2016; Barufi, 2014), o fenômeno da imigração interna de estudantes universitários é recente e ainda pouco estudado no Brasil. É a partir da implementação de políticas públicas voltadas para a qualificação, expansão, acesso, democratização e interiorização do ensino superior brasileiro, no limiar do século atual, que esse fenômeno migratório específico de estudantes universitários passa a ganhar volume e relevo no contexto brasileiro, com o aumento significativo do fluxo migratório interno. Esse aumento demandou estudos para investigar tal fenômeno, a fim de que se possam avaliar os impactos que o mesmo causa, não só na vida dos próprios estudantes imigrantes, mas também em sua família e círculo social, sua localidade de origem e a de destino, em seus planos futuros, organização etc. Entretanto, é preciso frisar que não se têm dados oficiais a respeito desse aumento migratório, e os dados que se tem são parciais, tendo sido coletados até 2015/2016.

A Constituição Federal de 1988 normatiza a educação superior no Brasil redemocratizado, complementada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação -

LDB de 1996, enfatizando o caráter social da universidade como direito de todos (Gomes, Machado-Taylor & Saraiva, 2018). Em 2001, é lançado o primeiro Plano Nacional de Educação - PNE, com período de vigência previsto até 2010. Em 2004, o Governo Federal lança o Programa Universidade Para Todos - PROUNI, um programa de concessão de bolsas de estudo para estudantes em cursos de graduação em instituições de ensino superior privadas, iniciativa apoiada pelo Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior - FIES, criado em 1999, no Governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, do Partido da Socialdemocracia Brasileira - PSDB. O FIES financiou os estudos de universitários matriculados em universidades privadas (Li, 2016).

Embora o comportamento migratório de estudantes universitários internamente seja um fenômeno que se observe desde os anos 1950, é a partir dos anos 2000 que o mesmo ganha relevo, atraindo os olhares das comunidades acadêmica e científica. A partir de 2003, o novo governo do Partido dos Trabalhadores - PT no Executivo Federal, com o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, passa a implementar políticas públicas visando à reestruturação física e humana das Instituições Federais de Ensino Superior - IFES, sua qualificação, expansão, interiorização e democratização. Dos diversos impactos que tais políticas provocaram, um deles foi a mobilidade estudantil interna (Almeida & Souza, 2019). Cabe salientar que esses autores relacionaram o comportamento migratório também a fatores de subjetividade, como decisões e valores, o que aponta para a existência de uma dimensão subjetiva do fenômeno migratório, que deve ser investigada para se tentar compreender o que há de singular nesse fenômeno. Conforme Almeida e Souza (2019, p.28):

Para minimizar esse problema no período de 2002 a 2010, os compromissos do governo Lula, fizeram avançar a busca por alternativa que fossem progressivamente produzindo inclusões. Após décadas de baixos investimentos na educação superior registrados no governo de Fernando Henrique Cardoso e seus antecessores, surgem as principais iniciativas de facilitação de acesso ao ensino superior oferecido em instituições públicas e privada do País, visando à retomada e valorização desse nível de ensino.

O *boom* do fluxo migratório universitário interno no Brasil ocorre a partir de 2007, quando o Governo Federal lança o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. O REUNI é uma política pública voltada para o ensino superior brasileiro, que visa à reestruturação, expansão, interiorização e democratização das IFES, bem como ao aumento de cursos e vagas. Foi um programa que potencializou o acesso, a inclusão e a assistência estudantil (Almeida & Souza, 2019).

Paixão (2010, p.38) marca o início da expansão do ensino superior no Brasil a partir dos anos 1990, ganhando corpo entre 2000 e 2007, destacando a criação do REUNI:

Deste modo buscamos, num conjunto de três instituições, compreender como as políticas educacionais foram racionalizadas nesses estabelecimentos de ensino. Foram investigados os cursos de graduação presenciais implantados a partir de políticas destinadas ao ensino superior nos anos de 1990 e entre 2000 e 2007. Entende-se que houve uma nova demarcação do momento atravessado pelo sistema de educação superior, com a discussão do projeto de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (decreto n. 6.096 de abril de 2007) que pode ser considerado um marco delimitador deste processo, visto que trouxe novas características e manteve o processo de expansão da educação superior.

Em 2009, o Governo Federal lança uma reformulação do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, criado em 1998 como instrumento de avaliação do Ensino Médio brasileiro, doravante utilizado como forma de ingressar nas IFES. No ano seguinte, 2010, é lançado o Sistema de Seleção Unificada - SISU, sistema que centraliza o processo seletivo para vagas nas IFES através da nota do ENEM. Esse novo sistema de seleção para vagas na graduação das IFES possibilitou que candidatos de diferentes regiões do país concorressem e conquistassem vagas em IFES fora de seus lugares de domicílio, muitas vezes em localidades bastantes distantes umas das outras.

As políticas de assistência estudantil, que asseguravam a sustentação material do estudante no local de destino durante a graduação, também colaboraram com o aumento significativo do fluxo migratório estudantil. Em 2014, quase 85% das IFES haviam aderido ao SISU/ENEM, o que impulsionou a imigração estudantil em aproximadamente 25%. Segundo Li (2016, p.13):

O mecanismo de ingresso ao ensino superior brasileiro sofreu mudanças drásticas a partir de 2009, quando o Exame nacional de ensino médio (Enem) passou por uma reformulação metodológica com o fim de se incentivar a sua utilização como exame de seleção unificada nos processos seletivos das universidades públicas federais. Em 2010, o nível de centralização do sistema de ingresso se elevou significativamente com a implementação do Sistema de seleção unificada (Sisu), que consiste em uma plataforma online por meio da qual instituições públicas de ensino superior ofertam vagas em cursos de graduação a estudantes que serão selecionados exclusivamente com base na nota obtida no último Enem. O principal objetivo da política apresentado pelo Ministério da Educação (MEC) seria a democratização do acesso a instituição superior, possibilitando uma igualdade na diversificação de escolha por parte de todos os candidatos.

Em 2011, surge o segundo PNE, cujo prazo encerrou o ano passado. Entre 2001 e 2012, as matrículas de jovens entre 18 e 24 anos aumentaram em aproximadamente 30%, além de um aumento da população universitária em geral na ordem de 28% (Li, 2016).

Com a expansão do acesso aos cursos de graduação, sobretudo nas IFES, e a garantia de manutenção do estudante de outros lugares do país via políticas de assistência estudantil, a taxa de imigração subiu consideravelmente. Cada vez mais estudantes migraram para as cidades-sede das IFES, deixando suas localidades, suas residências, suas famílias e amigos, sua comunidade, sua cultura. E esse movimento migratório gerou efeitos concretos na vida desses estudantes, impactando também e significativamente em suas subjetividades e em seu contexto social. Neste sentido, torna-se relevante traçar inter cruzamentos das questões de imigração e subjetividade.

2.2 - Imigração e Subjetividade

Especificamente no tocante à relação entre imigração universitária e subjetividade, não foi encontrado nenhum estudo. Alguns estudos trabalharam com essa relação, abordando aspectos da subjetividade, como *representações sociais* (Maciel, Medeiros, Souza & Vieira, 2016; Albuquerque, Almeida, Araújo, Silva & Sousa, 2017), *experiências percebidas* (Dalgalarrodo, Dogra, Júnior, Rachkorsky & Ronzoni, 2016), *impactos psicológicos* (Girardi, 2015), *discriminação percebida* (Bastos, Coelho, Massignam & Zunino, 2016) e *cognição* (Albuquerque, 2016).

Maciel, Medeiros, Souza e Vieira (2016) estudaram as representações sociais de universitários a respeito da Reforma Psiquiátrica e do doente mental diante dos paradigmas de atenção à saúde mental. O estudo utilizou a Escala de Atitudes em Saúde Mental e a Associação Livre de Palavras na produção dos dados. Os resultados apontaram para a prevalência da perspectiva biomédica e de uma visão negativa do doente mental.

Dalgalarrondo, Dogra, Júnior, Rachkorsky e Ronzoni (2016) estudaram experiências percebidas de discriminação e saúde mental em universitários na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, no estado de São Paulo. Os resultados demonstraram alta prevalência de relatos de experiências de discriminação na amostra estudada, com destaque para a percepção de indivíduos autodeclarados negros e pardos para discriminação por conta da cor da pele e do desempenho acadêmico. As queixas sobre problemas de saúde mental foram comuns na amostra como um todo.

Girardi (2015) investigou os impactos psicológicos da imigração voluntária a partir dos relatos das experiências de universitários imigrantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. As conclusões apresentaram dificuldades de adaptação cultural e social, tendo como efeitos associados o isolamento social e a vontade de retornar para os locais de onde vieram antes da conclusão do curso, entre outros.

Bastos, Coelho, Massignam e Zunino (2016) estudaram a percepção de discriminação no ambiente universitário a partir das narrativas de estudantes de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Dentre os tipos de discriminação relatados, destacam-se a rotulação por termos pejorativos, a exclusão social e o tratamento inferior, sobretudo em relação a indivíduos mais velhos, mais pobres, mulheres e negros e pardos, bem como no tocante a estudantes contemplados por programas de ação afirmativa.

Albuquerque (2016) pesquisou os aspectos cognitivos e não cognitivos da adaptação de universitários imigrantes de algumas Instituições de Ensino Superior – IES de Porto Alegre-RS e suas estratégias de resiliência. Dos resultados, destaca-se a significância dos aspectos cognitivos nas estratégias

de resiliência, embora sejam considerados pouco significativos nas estratégias gerais de adaptação.

A maioria desses estudos está relacionada à saúde mental dos estudantes, sendo os aspectos da subjetividade indicativos para avaliar as condições mentais dos mesmos (Dalgarrondo *et al*, 2016; Albuquerque *et al*, 2017; Martins-Borges & Silva-Ferreira, 2019). Martins-Borges e Silva-Ferreira (2017) investigaram as demandas de estudantes universitários imigrantes ao setor de apoio psicológico da Universidade de Integração Latino-Americana – UNILA, com sede em Foz do Iguaçu-PR. Os resultados mostraram que, a cada ano, uma média de 10 estudantes imigrantes procurou por atendimento psicológico, assim como a variável cultura apareceu no estudo como fator importante para essa demanda, bem como a necessidade das universidades em investirem em programas de apoio psicológico voltados especificamente para o estudante imigrante.

Há também trabalhos relacionados à imigração de estudantes universitários estrangeiros, tanto no contexto brasileiro quanto em outros países (Borges & Girardi, 2017). Borges e Girardi (2017) pesquisaram as dimensões do sofrimento psíquico em estudantes universitários estrangeiros matriculados na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Por meio de entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo, constatou-se alta prevalência de somatizações, discriminação e dificuldade de se inserir socialmente, experiências que trouxeram aos estudantes algum sofrimento psíquico.

Essa ausência significativa de estudos específicos sobre a relação imigração-subjetividade justifica o presente estudo, que tem o escopo de contribuir para o conhecimento dessa relação.

2.3 – Sociedade, Subjetividade e Espaço: uma relação multidisciplinar entre Sociologia, Psicologia e Geografia

Esta pesquisa tem como uma de suas referências teóricas os estudos do filósofo, ensaísta e culturalista *Byung-Chul Han* (1959-) sobre a *Sociedade do*

Cansaço (2015). Han define a Sociedade do Cansaço, a sociedade contemporânea pós-Segunda Guerra Mundial, não apenas pelo aspecto material e físico, mas também e, sobretudo, pelo aspecto psicológico e pelos efeitos sociais na psique dos indivíduos. Como a teoria da Sociedade do Cansaço de Han trata da interação entre as relações sociais e a psique, tomá-la-emos do ponto de vista sociológico, posto ser a mesma realmente uma teoria social.

Sobre a Sociedade do Cansaço, também denominada Sociedade do Desempenho e da Positividade, diz-nos Han (2015, p5):

Cada época possui suas enfermidades fundamentais. (...) Visto a partir de uma perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal. Doenças neuronais como a depressão, Transtorno de Déficit de Atenção com Síndrome de Hiperatividade (TDAH), Transtorno de Personalidade Limítrofe (TPL) ou Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas enfartos, provocados não pela *negatividade* de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de *positividade*.

Trabalharemos, também, com o conceito de *Subjetividade*, amparados em Costa e Fonseca (2008), Filho e Martin (2007), Barros e Passos (2000), Barros e Kastrup (2015), Maciazeki-Gomes (2017), Kammsetzer e Palombini (2017) e Han (2015).

À luz de Michel Foucault, Maciazeki-Gomes concebe a subjetividade como o modo como o sujeito faz a experiência de si e como se relaciona consigo. Para Maciazeki-Gomes (2017, p.33):

Esse enfoque das problematizações, numa inspiração foucaultiana, desloca o foco do sujeito, como objeto do conhecimento, para o estudo do sujeito como objeto para ele próprio. Volta-se ao estudo da subjetividade entendida como 'a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo' (Foucault, 2012, p.230) (...).

Como a subjetividade é vista como social, histórica e política, as relações sociais nas quais a mesma está inserida adquirem importância em seu estudo. A subjetividade, como fenômeno intersubjetivo, psicossocial, afeta a produção do conhecimento, incluindo o objeto de estudo. A subjetividade é uma componente estrutural e orgânica da produção do saber. Maciazeki-Gomes (2017) delimita seu estudo da subjetividade a um campo de problemas

de subjetividade no interior de um processo psicossocial dinâmico, em que as subjetividades estão submetidas a processos de subjetivação, no qual as formas individualizadas vão sendo transformadas no devir psicossocial.

O conceito de *Imigração* tem como base conceitual a definição dada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, auxiliado pelas contribuições de Palombini (2007) e Han (2015). No Glossário para o Atlas do Censo Demográfico 2010 (IBGE, p.211), imigração é o “movimento de entrada de pessoas em um determinado país ou região. Contrariamente, emigração é o movimento de saída de pessoas de um determinado país ou região”. O conceito de migração se refere ao movimento, seja de saída, seja de entrada, a um determinado lugar. Como as experiências dos participantes deste estudo ocorrem tendo como *locus* central a FURG, em Rio Grande, é o conceito de imigração que optamos por utilizar. É o fato de não ser daqui, mas *estar aqui e aqui viver* sua experiência universitária que justifica o uso do conceito de imigração neste estudo.

Categorias geográficas como *Espaço, Lugar e Território* (Maciazeki-Gomes, 2017 e Kammsetzer & Palombini; 2017) também são utilizadas neste trabalho. Kammsetzer e Palombini (2017) destacam a importância desses conceitos como instâncias sociais de ocorrência de processos específicos de psicossocialização, de experiências sociais que repercutem na psique e na subjetividade das pessoas. Cada espaço, cada lugar e cada território são sede de fenômenos singulares, de experiências específicas e, não raro, relacionadas entre si. A partir dessas ideias, é possível afirmar, por exemplo, que o deslocamento espacial também afeta a subjetividade de determinadas formas, gerando determinados efeitos. Destarte, essas categorias geográficas têm grande valia na investigação dos processos psicossociais. Para Kammsetzer e Palombini (2017, p.284):

A diversidade de experiências dos jovens tem relação com a própria diversidade social que constitui os lugares. Tornar-se jovem na cidade é um processo que, mesmo tendo como referências as grandes linhas de produção de subjetividades globais (estéticas que se apresentam para os jovens urbanos, ganha contornos específicos a partir das experiências vividas em suas redes de sociabilidade locais - NETO, 2010). As relações estabelecidas nos lugares definem

o modo como serão apreendidas as leis, valores e normas colocadas no social.

A citação acima reforça a concepção dos lugares como espaços vividos e construídos socialmente, tanto no plano material quanto no simbólico e no afetivo. Os lugares, como dimensões do espaço ligadas ao vivido, condicionam, não só a subjetividade, como o próprio desenvolvimento psicossocial como um todo.

Trabalhamos, também, com o tema da Saúde Mental, dada a recorrência de relatos de problemas de saúde mental nas narrativas da maioria dos entrevistados, com repercussões em suas subjetividades. Para tal, utilizamos o conceito de Saúde Mental e Atenção Psicossocial, trazido por Paulo Amarante (2011), que fala da Saúde Mental como um processo psicossocial complexo e coletivo. Os problemas de saúde mental advêm de crises de sofrimento psíquico em relação orgânica com o seu meio social. Conceitos como acolhimento, cuidado e participação social representam os princípios que regem o campo da Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Sobre Saúde Mental, diz-nos Amarante (2011, p.19):

Saúde Mental é um campo bastante polissêmico e plural, na medida em que diz respeito ao estado mental dos sujeitos e das coletividades, que, do mesmo modo, são condições altamente complexas.

Sendo os efeitos na subjetividade influenciados pela condição de imigrante e sentidos pelas experiências pessoais dos sujeitos, é por suas narrativas, ou seja, pela história contada através de seus pontos de vista, que podemos acessar o significado que esses efeitos adquirem para essas pessoas, nossa proposta para este trabalho.

2.4 - Narrativas das Experiências de Imigração Universitária

A produção e a análise dos dados, bem como a condução do processo de pesquisa como um todo foram conduzidas a partir do *Método Cartográfico*, à luz de Barros e Passos (2015), Barros e Kastrup (2015) e Escóssia e Tedesco (2015). Barros e Passos (2015) concebem o método cartográfico como o registro e o mapeamento da experiência, esta vista como um processo de

intervenção na realidade. É um método de pesquisa que parte de uma orientação inicial, mas sem procedimentos fixos *a priori*. É um método que se constrói no caminho da pesquisa. A cartografia considera a presença do pesquisador-sujeito no processo de pesquisa e de construção do saber como parte orgânica de uma realidade social constituída por individualidades e forças relacionadas entre si e em constante movimento. O método cartográfico parte do princípio da inseparabilidade entre saber e fazer. Na Cartografia, os conceitos e teorias possuem caráter operatório, como ferramentas de produção do saber-fazer. Particularmente, Barros e Passos utilizaram o método cartográfico para investigar os processos de individuação na sociedade.

Segundo Barros e Passos (2015, p.17):

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um *hódos-metá*. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados.

Com Benjamim (1987), auxiliado por Barros e Passos (2000), Maciazeki-Gomes (2017) e Kammsetzer e Palombini (2017), abordamos o conceito de *Narrativa*, nosso principal método de apuração de dados utilizado na pesquisa. A narrativa é “a experiência que passa de pessoa a pessoa” (Benjamim, 1987, p.198), é a comunicação e o compartilhamento social das experiências individuais e coletivas em uma dada sociedade. Segundo Benjamim (1987, p.200):

O senso prático é uma das características de muitos narradores natos. Mais tipicamente que em Leskov, encontramos esse atributo em Gotthelf, que dá conselhos de agronomia a seus camponeses, num Nodier, que se preocupa com os perigos da iluminação a gás, e num Hebel, que transmite a seus leitores pequenas informações científicas em seu Schatzkästlein (Caixa de tesouros). Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador

é um homem que sabe dar conselhos. (...) Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. (...) O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria.

Em Benjamim (1987), Barros e Passos (2000), Filho e Martin (2007), Escóssia e Tedesco (2015), Maciazeki-Gomes (2017) e Kammsetzer e Palombini (2017), utilizamos o conceito de *Experiência* em geral, assim como o conceito de *Experienciafetos*, de Maciazeki-Gomes (2017), ambos os conceitos considerados a fonte das narrativas e, portanto, da produção do saber a partir do viver. Não obstante as nuances de abordagem dos autores supracitados, a experiência é concebida como a matéria fundamental da transmissão e partilha de conhecimentos no interior de uma dada sociedade. A experiência passada de geração a geração é garantia da permanência e continuidade de um legado social e histórico. Segundo Benjamim (1987, p.114):

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência e um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho. Tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos (...). Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens.

Sobre o conceito de *Experienciafetos*, Maciazeki-Gomes (2017, pp. 35-36) fala da mesma experiência definida por Benjamim, mas ressaltando o valor do impacto afetivo dessa experiência e do valor que essa experiência tocante adquire para o sujeito:

O delineamento do campo de problemas da subjetividade diz de movimentos do afetar (Lazzarotto & Carvalho, 2012), e narrar da experiência (Benjamim, 1994^a, 1994b). Experiência + afeto = experienciafeto, como inspiração, leveza poética-política, que direciona um modo de operar possível que abre mão de manuais prescritivos. Engendra um pensar na articulação de inscrições múltiplas, desejantes, históricas e institucionais, políticas e econômicas (Fernández, 2007). (...) O pesquisar emerge de fragmentos, recortes descontínuos expressos em uma narratividade traduzida em meio a *experienciafetos* em sua dimensão ética, estética e política (Foucault, 2012f). Diz de um processo de produção de subjetividade como processo político, na produção de uma inteligência e afetividades coletivas (Fernández, 2008).

Trabalhamos também sob a ótica da *transdisciplinaridade*, a partir de Barros e Passos (2000), Maciazeki-Gomes (2017) e Palombini (2007). Neste estudo, a transdisciplinaridade é utilizada, tanto como conceito quanto como método, no sentido de possibilitar o diálogo entre diferentes campos do saber, sobretudo entre a Psicologia, a Sociologia e a Geografia, na produção do conhecimento a respeito do tema do trabalho. Sobre o conceito de *transdisciplinaridade*, Barros e Passos (2000 p.74) afirmam que

(...) precisamos avançar mais em nossas formulações para que possamos radicalizar nossa afirmação inicial de que a clínica só pode ser concebida como transdisciplinar. Neste ponto, temos que tomar em análise as disciplinas que vêm marcando fronteiras muitas vezes rígidas na definição de seus objetos de pesquisa e/ou interesse. (...) Esta flexibilização se realiza através de diferentes procedimentos: o movimento de disciplinas que se somam na tarefa de dar conta de um objeto que, pela sua natureza multifacetada, exigiria diferentes olhares (multidisciplinaridade), ou, de outra forma, o movimento de criação de uma zona de interseção entre elas, para a qual um objeto específico seria designado (interdisciplinaridade).

A partir das narrativas contadas pelos estudantes, buscamos apreender o significado que atribuem às suas experiências em face de sua condição de imigrante em seu novo contexto psicossocial centrado na universidade. Procuramos compreender quais experiências são mais significativas para os estudantes, quais afetam mais sua vida, sua subjetividade, seu ser e estar no mundo. A partir dos resultados obtidos, pretendemos deixar uma singela contribuição ao estudo de assunto tão pouco investigado quão importante para a vida desses estudantes e de seu círculo social, assim como apontar possíveis problemas nessa relação imigração-subjetividade, a fim de que as IFES e outras autoridades competentes possam viabilizar as devidas soluções.

CAPÍTULO III – MÉTODO

3.1 – O Delineamento do Estudo

Esta pesquisa faz parte de um estudo maior, intitulado “*Vivências dos Estudantes brasileiros fora e dentro do contexto universitário*”. Aqui, utilizamos a abordagem qualitativa e trabalhamos a partir das narrativas de 10 estudantes.

. O *método qualitativo* investiga os fenômenos em sua profundidade, naquilo que eles significam para os sujeitos da pesquisa, sobretudo aqueles que experienciaram o fenômeno, direta e/ou indiretamente. É um método de caráter subjetivo e indutivo, que busca apreender os significados dos fenômenos e interpretá-los. Sobre o método qualitativo, Collado, Lucio e Sampieri (2013, p.33) dizem que

O **enfoque qualitativo** também se guia por áreas ou temas significativos de pesquisa. No entanto, ao contrário da maioria dos estudos quantitativos, em que a clareza sobre as perguntas de pesquisa e as hipóteses devem vir antes da coleta e da análise dos dados, nos *estudos qualitativos* é possível desenvolver perguntas e hipóteses antes, durante e depois da coleta e da análise dos dados. Geralmente, essas atividades servem para primeiro descobrir quais são as perguntas de pesquisa mais importantes, e depois para aprimorá-las e respondê-las. A ação indagativa se move de maneira dinâmica em ambos os sentidos: entre os fatos e sua interpretação, e é um processo mais 'circular' no qual a sequência nem sempre é a mesma, ela varia de acordo com cada estudo específico.

A partir do método qualitativo, realizamos 10 entrevistas, o máximo proposto para este estudo. A produção de dados foi obtida através da narrativa de cada participante entrevistado, sendo as entrevistas balizadas por um roteiro disparador/orientador (Apêndice III) que deu origem, não somente às questões e correspondentes respostas, mas às categorias, tópicos e temas que serviram de matéria para nossas discussões e resultados.

Este estudo também se enquadra no tipo *Pesquisa-Intervenção*, à luz de Barros e Passos (2015) e Kammsetzer e Palombini (2017). Barros e Passos adotaram o modelo de Pesquisa-Intervenção como um tipo de pesquisa implicada, posicionada, ativa e política, que participa da produção do saber através do fazer. Mais que um mero critério técnico, a Pesquisa-Intervenção é uma filosofia da produção do saber. O caráter interventor também faz parte orgânica do método cartográfico. Segundo Barros e Passos (2015, p.17), “toda pesquisa é intervenção”. Para esses autores, pesquisar é agir e intervir, assim como é saber. A Pesquisa-Intervenção também visa a expor os jogos de interesse e de poder implicados tanto no plano da experiência como na própria pesquisa enquanto um saber-fazer. É um modelo de pesquisa que nega a neutralidade do estudo, focando nos processos mais do que nos objetos e

sujeitos prontos e acabados: o que interessa são os processos de objetificação e subjetificação.

3.2 – Participantes

Após a demonstração de interesse em participar deste estudo, relacionado à imigração universitária, feita através do credenciamento de cada participante no já mencionado formulário online do consórcio, foram contatadas por e-mail 10 participantes, definidas por conveniência. Foram critérios de inclusão ser maior de 18 anos, estar matriculado e ativo em um curso de graduação da FURG e ter emigrado de uma das regiões geográficas oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2019) – Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste, e de exclusão não ter acesso à internet.

Das 10 participantes, nove se autodeclararam mulheres, de cor da pele branca e vindas de escola pública (ensinos fundamental e médio). Seis se autodeclararam pertencer à classe média e quatro à classe baixa, definições, aqui, entendidas, sobretudo, sob o ponto de vista da renda, da condição econômica dos indivíduos. Três vieram do Sudeste, sendo duas de São Paulo (interior e capital) e uma de Minas Gerais (região metropolitana de Belo Horizonte). Uma participante veio do Nordeste, do interior da Bahia, enquanto seis vieram da região Sul, do Rio Grande do Sul (duas do Litoral, duas da Campanha e duas da Serra). Mais à frente, trataremos mais pormenorizadamente do perfil geral das participantes.

As participantes foram definidas por conveniência a partir da sinalização positiva de participar deste estudo. Foram realizadas entrevistas individuais com cada uma das 10 participantes, para a manifestação das narrativas e, consequentemente, para a produção de dados. Foi escolhido o número máximo de 10 participantes para o estudo por questões operacionais, para que pudessemos dar conta de todo o processo que se inicia, sobretudo, a partir das entrevistas, dentro das condições humanas, materiais e temporais de que dispúnhamos, conforme prescreve a literatura (Bauer & Gaskell, 2008).

3.3 – Instrumentos e Procedimentos

Como já mencionado neste trabalho, o nosso processo de pesquisa teve início a partir de um consórcio de mestrandos, que visou a investigar aspectos diversos da vivência de estudantes brasileiros fora e dentro do ambiente universitário. No caso desta pesquisa, o objetivo principal é investigar os efeitos que a imigração interna brasileira tem na subjetividade de estudantes universitários de graduação da FURG, a partir de suas narrativas pessoais.

Para tal, inserimos um instrumento para a seleção da população de interesse da nossa pesquisa no formulário online que veiculou a pesquisa em consórcio. Perguntas foram inseridas no instrumento utilizado pelo consórcio (Apêndice II), uma questionando se o estudante imigrante considerava ter experienciado efeitos significativos em sua subjetividade, se a resposta a esta pergunta fosse afirmativa, havia outra convidando o estudante a participar do estudo.

Pouco tempo após a publicação do formulário online, obtivemos o credenciamento de 33 potenciais participantes, mais de três vezes o estipulado como máximo (10) de participantes da pesquisa. Fizemos uma avaliação dos credenciados, à luz dos requisitos exigidos para participar do estudo. Destes, 17 cumpriam os critérios de inclusão. Estabelecemos, então, um programa de contato e convite para as entrevistas, através de e-mails e via aplicativo WhatsApp. Estabelecemos uma ordem de preferência para estudantes de outros estados da Federação, já que um dos critérios principais da pesquisa é ser estudante imigrante, onde a distância espacial e cultural adquire grande valor. Então, foram contatadas, convidadas e efetivamente entrevistadas 10 participantes, o máximo estipulado por esta pesquisa.

Destarte, as estudantes selecionadas foram convidadas a participarem de entrevistas individuais, instrumentos de produção de dados qualitativos que registraram as narrativas de suas experiências no tocante aos efeitos de sua condição de imigrante em suas subjetividades. Para a produção dos dados,

foram realizadas entrevistas individuais com cada uma das participantes. As entrevistas foram realizadas sob a orientação de uma série de questões componentes de um roteiro disparador e orientador (Apêndice IV), visando cartografar a percepção das participantes sobre o fenômeno imigração-subjetividade, através de suas narrativas. As entrevistas, que tiveram uma duração média de aproximadamente 90 minutos, foram realizadas no intervalo de aproximadamente 10 dias, com duas entrevistas por dia (manhã e tarde), na maioria dos casos. Houve problemas técnicos de conexão com a internet em algumas entrevistas, mas que não afetaram significativamente a realização das mesmas, sobretudo pelo esforço das participantes em superar esses obstáculos, retornando sempre que a conexão caía. Também não houve problemas de comunicação entre entrevistador e entrevistadas, tendo as entrevistas transcorridas num clima animicamente positivo, percepção relatada por todas as entrevistadas ao final do processo. As entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo e transcritas na íntegra. Esses registros foram posteriormente analisados tematicamente, gerando categorias e temas que balizaram os resultados finais. Por fim, cabe salientar que as referidas entrevistas foram feitas de modo remoto, por webconferência, via plataforma *Zoom*, por conta do isolamento social decretado pelas autoridades competentes frente à pandemia do COVID-19.

3.4 – *Análise dos Dados*

Após as entrevistas, que tiveram uma duração média de uma hora e meia e que produziram os dados, logo passamos à transcrição e preparação dos dados qualitativos, que foram analisados e interpretados através de sua organização em eixos temáticos dentro de um quadro de análise, onde foram destacados os temas considerados significativos para os objetivos do estudo, associados às falas correspondentes, às minhas considerações e à literatura. As participantes foram identificadas pela ordem de ocorrência das entrevistas (um a dez) a partir de numeração romana e com a sigla do estado da federação ao qual pertence: Participante I, MG; Participante II, SP, Participante III, BA, a fim de preservar suas identidades. Para o processo de análise dos

dados, orientamo-nos pela Análise Temática de Braun e Clarke (2006). Segundo estes autores, a Análise Temática é constituída em seis passos:

Passo 1: Familiarização com os seus dados - Nesta fase, já se inicia a transcrição dos dados, e durante este processo você já estará se familiarizando com os dados. Os autores indicam que se devem tomar notas das ideias que estão surgindo no tocante à codificação dos dados.

Passo 2: A geração de códigos iniciais - Esta fase tem início após você ter lido e se familiarizado com os dados, e ter gerado uma primeira lista de ideias sobre o que está nos dados e o que é interessante sobre eles. Esta fase, então, envolve a produção de códigos iniciais a partir dos dados.

Passo 3: Em busca de temas - Este processo tem início quando os dados estão todos agrupados. A partir disso, acontece um agrupamento de códigos em temas potenciais, reunindo todos os dados relevantes para cada tema potencial.

Passo 4: Rever temas - Esse processo tem início após o conjunto de temas candidatos estar criado, e envolve o refinamento desses temas. Os temas previamente selecionados são revisados, alguns temas distintos podem se agrupar em um único tema, e outros serem divididos em temas distintos.

Passo 5: Definição e atribuição de nomes - Essa fase tem início quando você tem um mapa temático satisfatório dos seus dados, para então você definir e refinar ainda mais os temas que serão apresentados em sua análise e analisar os dados neles.

Passo 6: Produzir o relatório - A última fase começa quando você tem um conjunto de temas totalmente trabalhado, e envolve a análise final e escrita do relatório.

A análise visou a identificar os efeitos da condição de imigrante dessas estudantes em suas subjetividades e, conseqüentemente, colaborar com a escassa literatura sobre o tema e apontar caminhos de intervenção, objetivando o bem-estar, tanto desses estudantes como também dos níveis sociais em que se inserem. O processamento e análise dos dados foram

realizados a partir da Psicologia Social, à luz dos autores, teorias, conceitos e metodologias citados neste trabalho. No decorrer do processo de análise, houve um esforço de estabelecer uma conversa permanente entre as narrativas das pessoas participantes, a literatura e as considerações do pesquisador, de acordo com os objetivos do estudo.

Por fim, cabe salientar que optamos por apresentar no texto deste trabalho trechos longos das narrativas de algumas participantes. O intuito é, tanto expandir o contexto da temática que está sendo abordada nas falas como ampliar o espaço de participação dos relatos *ipsis litteris* dos respectivos sujeitos entrevistados, já que essas narrativas são a nossa principal fonte de dados.

3.5 – Considerações Éticas

Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética da FURG, integrado à pesquisa maior: “*Vivências dos estudantes brasileiros dentro e fora do contexto universitário*”, que foi aprovada pelo CAAE: 39166820.4.0000.5324.

A participação das estudantes na pesquisa esteve sujeita a um esclarecimento geral sobre as características e propósitos do estudo, bem como à leitura e assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice I), que se deu via consórcio (formulário *online*). As estudantes foram esclarecidas também sobre os riscos de sua participação e de seu direito de desistir da participação quando quisesse. Na medida do possível, as estudantes também serão informadas sobre o andamento dos trabalhos, assim como de seus resultados.

A devolução do estudo às participantes se dará com o envio do trabalho final às mesmas. Também será enviado um convite para a defesa da Dissertação a todos que participaram da pesquisa.

CAPÍTULO IV - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após um longo e trabalhoso processo, que percorreu as fases de seleção, contatos, entrevistas, transcrições e análise, apresento os resultados produzidos e proponho uma discussão sobre eles. A partir da análise das entrevistas, balizada pela análise temática sugerida por Braun & Clarke (2016), foram produzidos quatro eixos temáticos com seus respectivos subtemas, em órbita dos quais serão apresentados e discutidos os resultados dessa pesquisa. Os temas e subtemas são:

Tema I - Processo Imigratório Universitário, que se subdivide em: **Perfil e Motivações**;

Tema II - Experiências de Imigração Universitária e Saúde Mental, que se subdivide em: *Experiências de Agravo à Saúde Mental*; *Experiências de Imigração Universitária, Saúde Mental e Pandemia*; e *Experiências de Imigração Universitária e Saúde Mental na Sociedade do Cansaço*;

Tema III - Fatores de Proteção Psicossocial nas Experiências de Imigração Universitária;

Tema IV - Experiências de Imigração Universitária: mudanças na subjetividade e perspectivas de futuro, que se subdivide em: *Desenvolvimento psicossocial, quebra de preconceitos e convivência com a diferença* e *Transformações na subjetividade e criação de novos critérios de mundo*.

Os quatro eixos analíticos e suas subdivisões, apresentados na tabela infra, serão abordados a seguir.

Tabela 1 – Quadro Temático (Temas e subtemas)

4.1 - Tema I - Processo Imigratório Universitário
4.1.1 – Perfil
4.1.2 – Motivações
4.2 - Tema II - Experiências de Imigração Universitária e Saúde Mental
4.2.1 - Experiências de Agravos à Saúde Mental
4.2.2 – Experiências de Imigração Universitária, Saúde Mental e Pandemia
4.2.3 – Experiências de Imigração Universitária e Saúde Mental na Sociedade do Cansaço
4.3 - Tema III - Fatores de Proteção Psicossocial nas Experiências de Imigração Universitária
4.4 - Tema IV - Experiências de Imigração Universitária: mudanças na subjetividade e perspectivas de futuro
4.4.1 – Desenvolvimento psicossocial, quebra de preconceitos e convivência com a diferença
4.4.2 – Transformações na subjetividade e criação de novos critérios de mundo

4.1 - Tema I - Processo Imigratório Universitário

O Tema I - Processo Imigratório Universitário e seus subtemas trazem um perfil geral, que visam a apresentar as características sociodemográficas e subjetivas gerais das pessoas entrevistadas e compor uma imagem geral do conjunto das participantes. Traz, também, um apanhado geral das motivações que levaram as estudantes entrevistadas a imigrarem para estudar na FURG.

4.1.1 – Perfil

Do conjunto das entrevistadas, nove são autodeclaradas mulheres e um homem. A média de idade na hora da entrevista foi de 24 anos. Oito se autodeclararam heterossexuais, um homossexual e uma com identidade sexual indefinida (fluída).

Nove se autodeclararam de cor da pele branca, e uma se autodeclarou de cor parda. Três vieram do Sudeste (dois de SP, um de MG), uma do Nordeste (BA) e seis do RS. Destas últimas, duas vieram da Serra, duas da Campanha e dois (um homem e uma mulher) do Litoral.



Figura 3 - Municípios aos quais pertencem os participantes (em vermelho) e Rio Grande-RS, sede da FURG (em azul), no mapa do Brasil.

Três participantes tiveram experiências de *migração pendular*, onde estudavam na FURG, no *Campus Carreiros*, em Rio Grande-RS, mas moravam em outras cidades – duas em Pelotas-RS, um em São José do Norte-RS, ambas as cidades lindeiras à Rio Grande. Essa condição de migrante pendular não foi prevista na nossa proposta de pesquisa, mas foi reconhecida como legítima pela centralidade da vida estudantil na FURG, inclusive presencial. Há diferenças entre a imigração com residência na cidade-sede da universidade e a imigração com residência em outras cidades, mas a experiência estudantil universitária como graduando na FURG torna o movimento pendular um aspecto diferente do mesmo fenômeno aqui investigado. Sobre migração pendular, fala-nos Lobo e da Cunha (2019 p.2):

Conceitualmente, a mobilidade pendular diz respeito ao movimento realizado por indivíduos que se deslocam regularmente (especialmente o diário) do domicílio de residência até onde trabalham ou estudam. Diferente da migração, esses deslocamentos não envolvem a mudança do local de residência e sim um fluxo relativamente regular de ir e vir da residência (trabalho/estudo, por isso a alusão ao movimento do pêndulo).

Nove participantes possuíam experiências estudantis majoritariamente presenciais, sendo uma majoritariamente remota, esta tendo seu ingresso na FURG no ano de 2020. No momento da entrevista, duas moravam em alguma Casa do Estudante da FURG, em Rio Grande, tendo uma participante morado em algum momento da graduação. Seis moravam de aluguel e uma em imóvel próprio.

Do ponto de vista socioeconômico, seis se autodeclararam pertencentes à classe média, enquanto quatro se autodeclararam de classe baixa. Seis declararam possuir alguma religião, sendo três Católicas, uma Espírita e duas umbandistas. Destas, três relataram que a religião ocupa papel central em suas vidas e na própria experiência universitária.

Quanto ao ano de ingresso na FURG, temos um espectro geral de sete anos, de 2013 a 2020, com a maioria das participantes (seis) tendo ingressado na Universidade entre 2016 (três) e 2017 (três), portanto, com uma experiência estudantil na FURG de quatro a cinco anos. Apenas uma participante ingressou na FURG em 2020, ano do início da pandemia, tendo experienciado ao menos duas semanas de atividades presenciais na universidade.

Três entrevistadas cursavam Psicologia, duas cursavam Direito, uma cursava Biologia, uma cursava Arquivologia, uma cursava Engenharia Mecânica, uma cursava Medicina e uma cursava Geografia. Portanto, heterogeneidade de cursos de graduação e de campos do saber. Destas, uma já estava formada (Geografia), quatro eram formandas (Arquivologia, Psicologia e Direito), uma estava no 5º ano (Medicina), duas no 4º ano (Engenharia Mecânica e Biologia), uma no 3º ano (Direito) e uma no 2º ano (Psicologia). Nove (9) vieram exclusivamente de escola pública, com uma participante com ensino médio feito em escola privada.

Cinco declararam morar junto com a família, sete declararam possuir pai e mãe, três declararam ter pais separados, duas declararam ter o pai falecido, uma declarou ter pai e mãe falecidos. Quatro declararam a família constituída

por irmãos, uma declarou um primo, duas os avós, uma o namorado e outra o noivo. Quatro declararam morarem sós. Nenhuma participante declarou possuir filhos. Todas se declararam solteiras (estado civil), sendo quatro com namorados e uma com noivo. No momento da entrevista, quatro permaneciam em Rio Grande, enquanto seis, com a pandemia, voltaram para suas cidades de origem ou onde estavam os familiares naquele momento.

Em termos de saúde mental e bem-estar geral, todas relataram a necessidade de buscar ajuda psicológica e/ou psiquiátrica durante algum momento da graduação. Nove fizeram ou fazem terapia com psicólogo, quatro tomam medicação de uso contínuo e um se automedicou por algum tempo.

O perfil geral do conjunto das 10 participantes desta pesquisa, no momento do ingresso na FURG, é representado por mulheres (9), jovens (9), com poucas experiências para além do convívio familiar e social de origem (9), cor da pele branca (9), heterossexuais (8) e vindas exclusivamente de escola pública (9). Quatro são de baixa renda e necessitam dos auxílios estudantis da FURG, como moradia e alimentação, entre outros, para se manter. Mesmo as participantes autodeclaradas pertencentes à classe média tiveram suas limitações financeiras, algumas, inclusive, utilizando algum tipo de auxílio estudantil em algum momento da graduação.

Três participantes necessitaram de matrícula solidária, que é uma forma de matrícula por procuração voltada para estudantes de fora da cidade que, por algum motivo, não têm como vir fazer a matrícula presencialmente. Destarte, o Diretório Central dos Estudantes – DCE da FURG mantém um cadastro de procuradores voluntários e disponibiliza uma lista com os nomes desses procuradores na internet, afim de que os estudantes que necessitem de matrícula solidária possam acessar e escolher um desses procuradores para realizarem sua matrícula.

Sete entrevistadas chegaram de suas localidades de origem em Rio Grande sozinhas e sem conhecer ninguém ou também sem conhecer a cidade (6). Portanto, declararam-se “desconhecidas numa terra estranha”.

Conforme Kammsetzer e Palombini (2017, p.1)

As experiências urbanas compõem os processos de subjetivação (...), entendendo-se a subjetividade como 'produção sócio-histórica dotada de poder operatório sobre a realidade'.

Ao perfil descrito anteriormente, juntam-se as idiossincrasias individuais prévias – traços de características subjetivas particulares de cada uma, os quais interagiram com as condições sociais encontradas na chegada em Rio Grande e na FURG. Entre as características manifestas nas entrevistas, os elementos que mais se destacaram foram: perfil pouco sociável, timidez, introversão, vergonha de se manifestar, medo dos perigos da nova experiência, efeitos psicossociais negativos devido ao afastamento da família, problemas prévios de saúde mental, insegurança, receio de sofrer discriminação, conflitos com a sexualidade e a família. A fala da Participante VI ilustra parte dessas idiossincrasias prévias:

Não tenho dúvidas que o primeiro é o perfeccionismo, sem dúvida... Perfeccionismo, sem dúvidas (...)se eu falar que isso aqui é uma pedra, isso aqui é uma pedra e acabou...muito perfeccionista, tudo tinha que ser perfeito e tudo tinha que ser pra ontem, não dava pra fazer hoje, eu já enlouquecia...(P VI, RS)

No relato acima, a Participante VI enfatiza o perfeccionismo como um traço de sua subjetividade anterior à experiência universitária como um fator negativo, que lhe colocava obstáculos, não somente em sua sociabilidade como à própria subjetividade. Com a experiência na universidade, essa característica perfeccionista foi contraposta pela realidade social vivida no meio acadêmico e na cidade, transformando sua subjetividade no sentido de aprender a conviver com visões e realidades diferentes da sua.

Os primeiros dois anos de vida acadêmica foram os de maior vulnerabilidade psicossocial, segundo o relato da maioria das entrevistadas. A maioria teve sua saúde mental abalada, obrigando-se a procurar ajuda profissional, psicológica ou/e psiquiátrica, a maioria via FURG. Quanto aos impactos psicológicos da imigração universitária, diz-nos Girardi (2015, p13):

Como qualquer tipo de imigração, (...) também acarreta em impactos psicológicos para os sujeitos, uma vez que deixar sua cultura de origem e passar a viver em uma outra, desconhecida, pode gerar

vulnerabilidade psicológica devido à mudanças, transições e elaborações de lutos.

De todo o modo, a imigração, a saída do lugar de origem e chegada ao local de destino apareceu na narrativa da experiência psicossocial dos participantes, do início ao fim. Segundo Oliveira, Santos & Dias (2016, p.44)

O ingresso no Ensino Superior (ES) é frequentemente acompanhado por acontecimentos singulares na vida dos estudantes, sendo permeado por mudanças que exigem um esforço de ajustamento do indivíduo. Diferentes variáveis influenciam nesse processo, que é complexo e multidimensional. De fato, a saída da casa dos pais, a mudança de cidade (...), o distanciamento do núcleo familiar (...), as transformações nos grupos de amizades (...) e a troca do ambiente escolar para o universitário (...) são algumas mudanças vividas pelos universitários.

No tópico a seguir, trataremos das motivações que levaram as participantes a se deslocar de seu local de moradia para vir estudar na FURG.

4.1.2 - Motivações

Nos relatos das entrevistadas, destacaram-se, como motivações para imigrarem a fim de estudar na FURG, a oportunidade de ascensão socioeconômica (4), o sonho em se formar num curso de ensino superior (6), a ausência de universidade federal no lugar de origem (3), boas referências sobre a FURG, oriundas de familiares e amigos, sobretudo sobre a excelência no ensino e no acolhimento (6), e/ou sobre Rio Grande, por conta do acolhimento (2) e/ou sobre os cursos, por causa da excelência no ensino (2). Também houve quem agregasse a motivação de estudar e se formar com a fuga da realidade social vivida no lugar de origem, sobretudo a realidade familiar (2). Girardi (2015) também aponta a vontade de melhorar de vida, de cursar uma universidade e a referência de terceiros (familiares ou não) como motivadores para imigração universitária.

A fala da Participante I ilustra bem, não só suas motivações para estudar, como os desafios que teve que enfrentar para vencer barreiras impostas por outras pessoas, provar para si mesma que é capaz, escolher o que quer fazer, enfrentar as dificuldades, entre outros:

É...exatamente nesses pontos...é...tá...você sabe das dificuldades, eu falo comigo, olha, você sabe das dificuldades que você tá passando, mas você também tem uma oportunidade que muita gente não tem...e, quando dá saudades de casa, eu lembro assim: tá, a saudade é grande, eles são importantes, mas você veio aqui, não só por você, mas também por eles...pois a vida não é fácil, não é fácil pra todo o mundo, mas, se você se esforçar só mais um pouquinho, só mais um pouquinho, você consegue realizar seus sonhos...porque esse diploma é...sinceramente, eu não sei o que vou fazer com ele...porque ele é um projeto pessoal só meu...ele não é só pra, pra, como se diz, uma fase da vida...porque eu batalhei muito pra realizar esse sonho, é...pra muita gente, é como ter a casa própria...é um sonho assim...foi complicado, foi complicado ouvir de muita gente que eu não era capaz, que não é necessário, é...eu acho que foi mais por teimosia (...) (P I, MG).

A fala supracitada salienta a experiência oriunda de uma cultura de descrédito a respeito das possibilidades de mobilidade social das classes menos favorecidas, atravessada pela dimensão de gênero. A entrevistada decidiu vir estudar na FURG, a despeito das opiniões em contrário que recebeu em seu meio social de origem. Contudo, esse foi um relato único dentre os demais, embora o estudo sobre os atravessamentos das dimensões de cultura, gênero e classe socioeconômica na experiência universitária imigrante seja uma sugestão importante para estudos futuros, a fim de ajudar a compor um quadro mais abrangente do fenômeno migratório estudantil e seus impactos na subjetividade.

Sobre mudança de vida como aspecto motivador para a imigração, destaca a Participante III:

Sim, foi, foi um processo de fuga (...), inclusive, eu tava em terapia, no momento em que eu vim pra cá, tinha uma psicóloga, lá, em Aracaju, e foi exatamente isso que ela me relatou, e eu lembro que ela falou que esse processo é um processo normal, as pessoas usam isso como mecanismo de defesa, mas que, mais hora, menos hora, a gente trombaria novamente com os problemas que nos fariam fugir, que me fez fugir, e foi o que aconteceu, mais hora, menos hora, a situação voltou novamente, e eu tive que, de fato, conversar, tive que, de fato, ser sincera e explicar pras pessoas e internaliza isso pra mim mesma o porquê de eu querer vir, do porquê eu ter sentido aquilo que eu senti, e, só depois de haver essa conversa, esse entendimento, comigo mesma e com a minha família, foi que eu consegui, de fato, respirar aliviada...porque, quando eu vim de lá pra cá, sozinha, foi mais esse processo de fuga que você falou e eu tava...como que eu posso dizer...deslumbrada com uma situação tão nova, eu nunca tinha vivenciado aquilo, né...então, demorou um pouco pra ficha ir caindo e, na verdade, eu não resolvi muita coisa, eu simplesmente fugi dos problemas...e, aí, quando a situação foi se tornando rotineira, quando eu encontrei essa outra pessoa, quando a situação lá se tornou rotina, que não era mais novidade, os problemas voltaram a

acontecer, eu voltei a ficar ansiosa, tive que recorrer ao tratamento psicológico e psiquiátrico, e, quando a minha família voltou pra cá, foi o ápice de tudo, foi aí quando a “bomba” explodiu, eu tive que buscar resolver, e só depois, de encarar de frente esses problemas, foi que a situação melhorou de fato, né, e, que hoje em dia, eu posso respirar aliviada...eu acho que é isso, inicialmente, foi um processo de fuga, sim...(P III, BA)

A fala acima destaca, como uma das principais motivações da entrevistada para imigrar, conflitos de ordem familiar, sendo a vinda para a FURG ao mesmo tempo uma maneira de lidar com os problemas e mudar de vida. De acordo com o contexto das narrativas da participante, a decisão de imigrar para estudar na FURG produziu efeitos positivos na resolução desses problemas e na mudança de vida desejada por ela *a priori*.

Com a entrada na universidade surgem novas experiências que, por sua vez, repercutem na saúde mental dos participantes. Sobre a relação entre imigração universitária e saúde mental, abordaremos no Tema II, a seguir.

4.2 - Tema II - Experiências de Imigração Universitária e Saúde Mental

O Tema II - *Experiências de Imigração Universitária e Saúde Mental* e seus subtemas apresentam um contexto de experiências que atingiu significativamente a quase totalidade das entrevistadas, com repercussões em sua saúde mental e subjetividade. Trata da transição entre a rotina de vida anterior e o ingresso na FURG, das condições de adaptação ao novo contexto, da rotina universitária do dia a dia e de suas repercussões na saúde mental das participantes. Por fim, trata das experiências universitárias no contexto pandêmico, também com repercussões em termos de saúde mental, e das relações entre experiência universitária imigrante e saúde mental, analisadas à luz da teoria da Sociedade do Cansaço de Han (2015).

É um eixo analítico amparado nos preceitos de Saúde Mental e Atenção Psicossocial, discutidos por Amarante (2011). Os problemas de saúde mental são vistos como um momento de crise na experiência do sujeito, que provoca sofrimento. A Saúde Mental é entendida como um processo social complexo que envolve todos os sujeitos implicados: profissionais, usuários, familiares, poder público e sociedade em geral. A própria experiência mental dos sujeitos

é social, ou seja, desenvolve-se a partir das relações da psique com o meio social, é um fenômeno psicossocial. No campo da Saúde Mental e da Atenção Psicossocial, todos os envolvidos participam, revelando uma natureza comunitária baseada no acolhimento, no cuidado e na participação social.

Sobre o conceito de Saúde Mental e Atenção Psicossocial, fala-nos Amarante (2011, p.63)

O ponto de partida é pensar o campo da saúde mental e atenção psicossocial não como um modelo ou sistema fechado, mas sim como um processo, que é social; e um processo social que é complexo. (...) Quando falamos em processo, pensamos em movimento, em algo que caminha e se transforma permanentemente. Neste caminhar, vão surgindo novos elementos, novas situações a serem enfrentadas. Novos elementos, novas situações, pressupõem que existiam novos atores sociais, com novos – e certamente conflitantes – interesses, ideologias, visões de mundo, concepções teóricas, religiosas, étnicas, éticas, de pertencimento de classe social... Enfim, um processo social complexo se constitui do entrelaçamento de dimensões simultâneas, que ora se alimentam, ora são conflitantes; que produzem pulsações, paradoxos, contradições, consensos, tensões.

A seguir, traremos uma análise sobre as experiências de sofrimento psíquico, relatadas pelas participantes, relacionadas às *Experiências de Agravamento à Saúde Mental*; às *Experiências de Imigração Universitária, Saúde Mental e Pandemia* e, por fim, às *Experiências de Imigração Universitária e Saúde Mental na Sociedade do Cansaço*.

4.2.1 - Experiências de Agravamento à Saúde Mental

Todas as participantes declaram ter sofrido algum problema de saúde mental, ou seja, algum tipo de sofrimento psíquico em sua experiência estudantil na FURG. A maioria (7) os teve no período dos primeiros dois anos na universidade. Destarte, a partir da narrativa das participantes, podemos vislumbrar que o momento de transição migratória, representado pela saída do local de origem e pela chegada desses estudantes na FURG, deflagrou vivências de situações de estresse, ansiedade e depressão, situações de crise em formas de sofrimento psíquico, propiciadas pelo potencial de seus perfis psicossociais e do contexto aqui encontrado e vivido. Como nove das 10 participantes se autodeclararam mulheres, Lucchese, Souza, Bonfin, Vera e

Santana (2014) ressaltam a prevalência maior de transtornos mentais comuns, como ansiedade e depressão, no Brasil, em pessoas do gênero feminino.

Por outro lado, cabe salientar, com Aríno e Bardagi (2018, p.44), que

O que a literatura (nacional e internacional) indica é que a população universitária está vulnerável ao desenvolvimento de alguns transtornos mentais, como por exemplo, depressão, ansiedade e o stress (...). Os estudos vêm apontando uma prevalência elevada de transtornos dentre universitários, sendo previsto que cerca de 15 a 25% dos universitários irão apresentar algum transtorno mental durante sua formação (...). Alguns estudos epidemiológicos e de prevalência indicam, inclusive, que a presença de transtornos mentais não psicóticos neste público é significativamente maior que na população geral e em adultos jovens não universitários (...).

As falas das participantes II e IX representam os impactos na saúde mental desde a chegada aqui:

De 2017 [ano de ingresso] pra cá, cursando a faculdade... (...) eu tive um diagnóstico em saúde mental... (...) eu tava vivendo um episódio claramente depressivo, e eu tinha uma visão muito ruim sobre tudo, não tinha vontade de levantar da cama, não queria estudar, eu...me colocavam mais pra baixo ainda, tinha vontade de morrer, tinha vontade de sumir, e...cheguei num ponto de, eu tava tão mal, de que, qualquer coisa que acontecesse ao redor de mim, parecia que era indiferente...então, ali, a minha percepção do mundo tava bem alterada...(...) foi em 2018, eu comecei a fazer terapia, comecei a rever questões passadas, questões outras, analisar o que estava acontecendo comigo, o que vinha acontecendo comigo nos últimos anos...todo o meu contexto social...e isso começou a mudar o modo como eu estava enxergando as coisas, como eu enxergava estar, aqui, em RG, essa questão...da transição, de estar num lugar lá, em SP, e passar pra outro totalmente diferente, aqui (...) (P II, SP)

No primeiro ano (2018), sim, fui à psicóloga da própria FURG, por que... Coisas, o cérebro da gente é muito estranho, né, porque, coisas que aconteceram há muito anos, vieram à tona quando eu morei sozinha... Então, foi um período muito difícil, fiquei sozinha, né, sem ninguém que eu conhecia, e coisas, lá, do passado, por exemplo, separação dos pais me afetou naquele momento, coisas que eu não sentia há anos atrás, eu senti, naquele momento... Aí, foi o período que eu precisei de acompanhamento, mas acho que durou uns três meses, quatro meses, no máximo... (P IX, RS)

As falas supracitadas relatam a experiência de problemas de saúde mental no primeiro (P IX) e no segundo (P II) ano após a chegada à FURG, sobretudo por conta da mudança radical de lugar e do afastamento de seu meio social de origem. Relatos de outras participantes entrevistadas também apresentam as mesmas experiências de sofrimento psíquico, algumas por

motivos diferentes, mas a maioria ocorrida nos dois primeiros anos da graduação.

Contudo, apesar de todas as entrevistadas terem relatado algum problema de saúde mental em sua experiência estudantil na FURG, todas declararam estar melhores no momento da entrevista. Das 10 entrevistadas, nove declararam ter feito terapia, a maioria pela FURG (PRAE ou FAMED). Além do acompanhamento psicoterápico, quatro entrevistadas declararam a necessidade e o uso de tratamento medicamentoso. Os relatos de crises depressivas e de ansiedade foram preponderantes, corroborando com parte da literatura sobre a vulnerabilidade da população universitária ao sofrimento psíquico (Ariño & Bardagi, 2018).

As narrativas das participantes VI e VII falam sobre suas necessidades de buscarem tratamento psicológico em sua experiência estudantil na FURG:

Em termos mais psicológicos, eu fui, eu fiz terapia em, de janeiro de 2017 até junho de 2018... (...) Então, te lembra de que eu falei da autocobrança, isso eu já era muito assim lá em Caxias, já era muito de me cobrar, isso e aquilo, e aí, eu vim pra cá, e em 2014 eu me envolvi com uma criatura ali da turma e que, no fim, eu fui com toda a esperança do mundo e a pessoa tava afim só de passar tempo, e aí, foi um choque daqueles, né, pra mim, aí, o que diz a minha mãe, a minha mãe diz, depois daquilo ali, tu se fechou, aí, eu voltei, aquela timidez que eu tinha perdido, eu acabei voltando um pouco, eu fiquei fechada, assim, eu não me abria, né, pra falar com pessoas nem nada, comecei a me fechar, até, uma coisa que a minha psicóloga disse, que, quando ela ainda for dar aula, ela vai usar de exemplo, é que acabava o gás, teve uma vez que acabou o meu gás e eu fiquei mais de uma semana fazendo comida só no micro-ondas, porque eu tava com vergonha, eu não queria ligar pra comprar o botijão de gás...então, eu me fechei assim, ao extremo...e aí que, na minha formatura, que foi em janeiro de 2017, meus pais estavam lá de Caxias preocupados, porque eles viam, né, o jeito que eu tava, aí, eles vieram pra cá e disseram, não, vamos marcar uma psicóloga, porque assim não dá, né...aí, marcaram uma psicóloga, me levaram contra a minha vontade, praticamente...(P VI, RS)

Eu procurei, na verdade, inicialmente, eu passei, eu não sabia, na verdade, que eu tava depressiva, porque a minha depressão foi moderada, aquela depressão que tu só não tem vontade de fazer nada, sabe... E era só isso que eu tinha, não tinha ânimo pra fazer nada, não tinha ânimo pra tomar banho, não tinha ânimo pra levantar da cama, pra abrir a janela, nada... E, como eu morava sozinha, não tinha como ninguém saber (...), acho que é muito normal estudantes terem problemas com ansiedade, né, por problemas de entrega, de prazo, e pressão psicológica, enfim, né, aí, resolvi trancar a faculdade, pra ter certeza, dentro de mim, que era aquilo que eu queria pra minha vida (...) (PV II, RS)

Os relatos supramencionados narram um pouco dos efeitos causados pelos problemas de saúde mental enfrentado pelas participantes logo ao chegarem à FURG, como falta de ânimo aguda, prostração e autoisolamento social, causados por quadros depressivos. Para o enfrentamento e superação desses problemas, a ajuda profissional de psicólogos foi providencial, bem como outros fatores institucionais, familiares e sociais.

Como fatores desencadeantes dos problemas de saúde mental percebidos pelas entrevistadas, foram destacados a solidão, o fato de nunca terem saído do lugar de origem e do seio familiar, a juventude, a ruptura com a família e o local de origem, a ausência de rede de apoio social inicial, a falta de recursos econômicos, o choque de realidades entre as exigências da vida acadêmica e a formação em escola pública e a pandemia. Também se destacaram nas narrativas algumas características pessoais como timidez e vergonha, insegurança, medo, agressividade, intransigência, no sentido do modo de relação consigo e com os outros, entre outros. Os primeiros dois anos de experiência na FURG foram destacados como os momentos mais críticos, indicando onde o acolhimento e o cuidado tornam-se mais importantes.

A fala da Participante IV reflete a crise em seu estado mental deflagrada na chegada à FURG

Aí, eu tive uns problemas, um choque de paradigmas, você acostumada a ser uma boa aluna, a única coisa que você tinha, em que se apoiava, era nessa ideia, do nada, eu fui mal na primeira prova, eu surtei, coisa básica, assim, você é acostumada com uma coisa, enfim...(P IV, SP)

A fala acima expressa um conflito existente entre formação básica em escola pública e as exigências da vida universitária no Brasil, que a participante representa pela expressão “choque de paradigmas”. No caso da entrevistada, o mau desempenho acadêmico inicial, em contraste com o bom desempenho estudantil anterior, surtiu efeitos de frustração, elemento associado ao surgimento de alterações negativas em termos de saúde mental no novo contexto vivido na universidade.

No subtema a seguir, analisaremos os relatos das experiências dos participantes no contexto da pandemia e suas repercussões em sua saúde mental e subjetividade.

4.2.2 – *Experiências de Imigração Universitária, Saúde Mental e Pandemia*

A Pandemia de COVID-19 é a disseminação mundial dos casos de infecção pelo vírus SARS-CoV-2 em seres humanos, também conhecido por Coronavírus. É uma doença que ataca, sobretudo, as vias respiratórias, tendo alta taxa de infecção geral, sobretudo entre idosos e pessoas com comorbidades. A pandemia de COVID-19 iniciou oficialmente em 31 de dezembro de 2019, em *Wuhan*, na China (Pacce, De Goes, Marshall e Maciazeki-Gomes, 2021), tendo rapidamente se espalhado pelo mundo. Pacce *et al* (2021, p.249) dá-nos um resumo sobre a pandemia de COVID-19:

a COVID-19 é uma doença infecciosa, altamente transmissível, causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). A Organização Mundial da Saúde (OMS) confirmou a circulação do novo coronavírus em 9 de janeiro de 2020 e em 11 de março, do mesmo ano, decretou estado de emergência sanitária (WHO, 2020). De rápida disseminação e contágio, o novo coronavírus se configurou numa pandemia e levou o planeta a uma crise sanitária, econômica e humanitária sem precedentes. A situação pandêmica impôs novas regras de circulação e convivência social estabelecidas a partir de protocolos municipais e estaduais (RIO GRANDE, 2020; RIO GRANDE DO SUL, 2020). Entre os efeitos à saúde causados pelo novo coronavírus estão as doenças respiratórias graves, sendo transmitido através da inalação de gotículas de saliva e de secreções respiratórias que podem ficar suspensas no ar quando a pessoa infectada tosse ou espirra (BRASIL, MEC, 2020a). Os sintomas mais comuns apresentados são: tosse seca, cansaço e febre; sintomas mais graves como dificuldade de respirar ou falta de ar, dor ou pressão no peito e perda de fala ou movimento são muito perigosos e, em alguns casos, exige internamento nas Unidades de Terapia Intensiva (MOREIRA, 2020). Em 18 de março de 2020 são suspensas as atividades de ensino de modo presencial (BRASIL, MS, 2020). No mês de abril de 2020, o Brasil já estava vivenciando os impactos da COVID-19 na superlotação dos leitos de UTI (G1, 2020). Isso levou a importantes medidas de contenção da disseminação do vírus, como o distanciamento social, prevenção de aglomerações e o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), principalmente recomendação para o uso de máscaras, por toda a população (AQUINO, et al., 2020).

No momento da finalização desta escrita, quase 280 milhões de casos foram registrados no mundo todo, com quase 5,4 milhões de mortes, informações retiradas do Repositório de Dados COVID-19 do Centro de

Ciência e Engenharia de Sistemas (CSSE, 2021) da Universidade Johns Hopkins (EUA). Apesar de ter arrefecido, a pandemia não acabou, e novas cepas do vírus têm surgido, como a *Ômicron*, tornando o futuro pós-pandêmico ainda muito incerto. Na visão do Diretor-Geral da Organização Mundial da Saúde – OMS, Tedros Ghebreyesus (ONU, 2022), “a pandemia ainda está longe de acabar”.

Por conta dos efeitos avassaladores da Pandemia, que se tornou rapidamente uma catástrofe sanitária global, muitos países decretaram isolamento parcial ou total (*lockdown*), como medida para contenção do vírus. Na FURG, no mês de março de 2020, foi decretada a suspensão por tempo indeterminado de todas as atividades presenciais. Algo em torno de seis meses depois, foi elaborado um plano de retomada das aulas em regime totalmente remoto. Hoje, quase dois anos após o início da pandemia, a FURG está retomando aos poucos as atividades presenciais, a princípio apenas para servidores, com expectativa de retorno presencial total em abril de 2022, como já dito mais acima.

Dos efeitos que a pandemia teve sobre a saúde mental e a subjetividade das entrevistadas, destaca-se o sentimento negativo oriundo da perda da presencialidade, da convivência no *campus* universitário da FURG. O isolamento social compulsório imposto pela pandemia de COVID-19 tirou dessas estudantes a experiência da convivência social presencial no ambiente universitário, reduzindo negativamente a constituição de redes de apoio psicossocial presenciais, decisivas para a maioria delas, para sua saúde mental, bem-estar, bom desempenho estudantil e permanência na universidade. Para algumas, essa perda psicossocial presencial gerou também frustração e desmotivação, além de queda no rendimento estudantil.

O relato das Participantes VII e VIII ilustra a percepção profundamente negativa em relação à perda da presencialidade no campus por conta da pandemia:

Tá, ela mudou tudo, né, acho que pra todo mundo, né, não é fácil, mas a gente sabe que são medidas completamente necessárias, porque, realmente, tá difícil a situação, mas acho que mudou muito,

assim, a minha vida, não só por me deslocar, né, de Pelotas pra Jaguarão, agora meio que definitivamente, né, só até pelo menos o ensino remoto terminar, né, que a previsão, também, é distante, mas é justamente, assim, essas pequenas coisas, sabe, que talvez a gente não valorizasse tanto, como se deslocar até a universidade de fato, o campus mesmo, as pessoas fazem muita falta, assim, no dia a dia, perde um pouco o contato com as pessoas (...) (P VII, RS)

(...) Nossa, a gente perdeu tudo que a gente tinha de bom...eu até falo sempre com as minhas amigas, assim, que a gente foi muito frustrada durante o curso, né, mas o que nos mantinha muito firme era a convivência que a gente tinha, era ir pra FURG, e, com a pandemia, isso tudo acabou, assim, então, a gente só fica estudando, não tem mais o lado bom da amizade, da troca, de estar, ali, naquele ambiente, mesmo que em aula, e, mesmo, a gente segue tendo contato, assim, virtual, né, a gente tá sempre se falando, faz videochamada e tal, só que não é a mesma coisa...a gente não tem mais aquele convívio em turma, pessoas que a gente, assim, nem sabe como é que estão, o que está acontecendo, porque muitas não aparecem na aula, a gente não tem um momento de interação...a gente só chega, vai assistir a aula, e é o professor falando, e aí, a gente fica olhando e tal, e é isso...e também não tem muita motivação, sabe, eu vejo que tá todo mundo desmotivado, eu também tô desmotivada de participar, de tentar, sabe, já é o final do curso também...(P VIII, RS)

Ambos os relatos acima citados expressam a perda da presencialidade na experiência universitária por conta da pandemia como um dos principais fatores negativos a afetar sua subjetividade, assim como saúde mental e bem-estar. Nesse sentido, a Participante VII salienta a necessidade da valorização dessa presencialidade, enquanto a Participante VIII frisa os efeitos negativos dessa perda de convívio presencial em sua subjetividade, como a desmotivação.

Velázquez (2020, p.166), cita relatório da UNESCO sobre os prováveis impactos da pandemia de COVID-19 em estudantes de ensino superior na América Latina e o Caribe em termos de saúde emocional:

En el reciente Informe del Instituto Internacional de la UNESCO para la Educación Superior en América Latina y el Caribe (IESALC, 2020: 16), se menciona cuáles pueden ser los impactos de la pandemia previsibles a corto, medio y largo plazo para los estudiantes de educación superior en el tema de la salud emocional: Inevitablemente, la pérdida de contacto social y de las rutinas de socialización que forman parte de la experiencia cotidiana de un estudiante de educación superior tendrán un costo. El aislamiento que va inevitablemente asociado al confinamiento tendrá efectos en términos de equilibrio socioemocional que dejarán huella, en particular, en aquellos estudiantes con problemáticas preexistentes en este dominio. A los estudiantes más vulnerables que participan en

programas de nivelación y apoyo, el aislamiento les golpea aún más fuerte. Indicativamente, una encuesta realizada la última semana de marzo entre estudiantes de educación superior en Estados Unidos ha revelado que un 75% afirma haber experimentado ansiedad y depresión como resultado de la crisis (p. 16).

Corroborando com o alerta da UNESCO, para algumas entrevistadas, o confinamento compulsório devido ao isolamento social gerou conflitos de convivência no lugar onde residiam, além de tê-las afastado de outros esteios psicossociais com a comunidade local e o campus universitário. Algumas manifestaram problemas em termos de saúde mental – ou agravamento dos já existentes - deflagrados com a pandemia, como ansiedade, medo, estresse e depressão, conforme relata a Participante I:

O fato de eu sempre fui uma pessoa que movimentava pra lá e pra cá, só vinha pra casa pra dormir... Então tá, daí, você tem que ficar dentro de casa, aí tem que se redescobrir, não poder fazer exercício, não poder fazer as mesmas coisas... Sim, eu só, eu particularmente, é... De abril, maio, que começou né, essa questão da pandemia (2020) até o final (...), eu tava estressada... Daí chegou um momento em que eu vi que ia acontecer um fato bastante preocupante, que eu fiquei bastante irritada com um morador (da casa do estudante), aí eu vi que, assim, putz, essa não sou eu, tá, eu tô irritada, mas não a esse ponto... Aí eu procurei ajuda psicológica aqui, aí eu descobri que tava com (perguntei se a ajuda era da FURG)...é (sim, na FURG)...eles desenvolvem um projeto de acompanhamento junto com a pandemia, sempre teve acompanhamento de moradores, de psicólogos e psiquiatras...a FURG sempre deu...mas era uma coisa mais exclusiva...é...mas, aí, com a (pandemia, suponho)...aí, a gente tem esse profissionais, que nos acolhem...aí, eu descobri que tava com, além da ansiedade, que, pra mim, era só ansiedade, e não só a questão do final do semestre, que é estressante, que todo acha que é, ah, tá nervoso e estressado porque é final de semestre...não, meu caso, descobri que eu tava com...ansiedade, normal, mas também a depressão, que, pra mim, foi um susto...e, quando o médico falou que eu tava com depressão, eu disse assim: ah...? Eu não vi, juro pra você que eu não vi que eu tava com um quadro depressivo... Pra mim, era normal... Porque aí, é, se confundiu tanto com a questão pandêmica, que a gente disse: ah, é só a pandemia...porque essa questão, de que esse mundo tá de pernas pro alto...sim, eu tive esse problema de depressão, de quadro depressivo...(P I, MG)

Na fala anterior, a entrevistada relata sua experiência universitária no contexto da pandemia, quando percebeu que precisava de ajuda profissional na área da saúde mental a partir da avaliação que fez sobre os conflitos experienciados no local de moradia por conta do confinamento social. Segundo o relato, o isolamento social provocado pela pandemia, que provocou conflitos entre a entrevistada e moradores da Casa do Estudante onde residia, foi o estopim para a emergência de problemas em sua saúde mental, cujas causas

incluem fatores que não se restringem apenas ao contexto pandêmico, posto que a entrevistada já se percebesse com problemas mesmo antes do isolamento social começar.

Ainda conforme Velázquez (2020, p.166):

Otros de los aspectos que se están presentado, son los efectos emocionales en los sujetos, primero el confinamiento prolongado donde se interrumpen la interacción social esencial para las personas, el distanciamiento de los compañeros de clase donde se construyen relaciones amistosas, amigos y el ambiente de la vida universitaria es preocupante. También hay que agregar que en la vida familiar, las situaciones que se viven son diversas y también fuente de estrés, pues hay padres que han perdido su empleo, lo que genera violencia intrafamiliar, la convivencia puede ser difícil ya que los otros espacios se han limitado.

A partir do estudo de Velásquez (2020), é possível perceber, nesta pesquisa, que alguns problemas, enfrentados no bojo da pandemia atual pelos sujeitos da experiência estudantil universitária, também têm ocorrido em outros lugares e contextos no mundo. Problemas de ordem psicossocial como os decorridos do afastamento social e do confinamento também emergem por aqui, através da fala dos entrevistados.

Incertezas quanto ao futuro próximo – formação e emprego – foram os fatores associados como negativos ou de risco destacados pela maioria das entrevistadas, como efeitos diretos da pandemia. A esses fatores, juntou-se o medo da doença, do sofrimento e da morte, em relação a si mesmas e aos seus familiares. A fala da Participante II reflete a angústia vivida na pandemia:

Nossa, a pandemia piorou totalmente o meu tratamento... Porque eu sou, eu era, eu sou, na verdade, uma pessoa que tenho muitos planos...eu crio planos na minha cabeça até do pior acontecer, então, por exemplo, eu já tenho um plano, se a minha mãe falecer..eu já tenho um plano, se meu namorado falecer, tipo, eu faço planos pra tudo...e a pandemia, é...colocou isso em xeque, porque, qualquer plano que eu tivesse, foi por água abaixo, ninguém tava preparado pro que vinha acontecer, então...aquilo me deixou em total angústia...é, segundo, que, eu já não trabalho e me sinto muito culpada por não poder trabalhar...e eu tento fazer um convencimento mental de que eu não trabalho, porque eu preciso estudar...o meu curso é integral, e eu tô me dedicando a isso...estar sem trabalhar e sem estudar, me colocou assim, ó, no pior...porque eu não estava fazendo, estava parada e, detrimento de não fazer nada...não tava estudando...e sem contar que, assim, eu tinha um plano, de precisar da ajuda dos meus pais, até outubro de 2022...com a FURG parada, com as aulas que, no meu curso, presenciais, são extremamente importantes, eu não tinha uma perspectiva de quando eu iria me

formar...então isso só me jogava pra frente, que eu ia precisar por mais tempo da minha mãe...esse cenário me colocou, assim, é...num estado de saúde mental muito ruim...é...e, ano passado, foi bem difícil lidar com isso, de lidar que as coisas estavam ruins, mas que tava ruim pra todo o mundo, que não era só eu que tava sendo prejudicada, muita gente tava prejudicada, que eu não sabia o que iria acontecer, porque ninguém sabia o que iria acontecer...e que eu ia ter que me adaptar ao que tava acontecendo...e...então...assim, toda essa pandemia foi, basicamente, um período de adaptação...e, esse ano, com as coisas mais estabelecidas, de que minhas aulas iriam voltar...ah, iam começar a vacinar, de que a pandemia tinha uma perspectiva futura de acabar...eu fui me estabilizando e tudo o mais...e, hoje, é, vacinada, vendo pessoas que eu conheço vacinadas, vendo que tem um previsão, né, da minha mãe ser vacinada...(P II, SP)

Na fala acima, a entrevistada expressa diretamente a ligação entre o contexto da pandemia e a piora de sua saúde mental em sua experiência universitária. Como fatores associados a essa piora na saúde mental, a participante relata as incertezas em relação ao futuro de sua formação, bem como a suspensão momentânea da possibilidade de dar seguimento ao planejamento que fez para sua vida ao vir para a FURG e o fato de ter-se obrigado a parar de trabalhar, diminuindo significativamente suas fontes de renda. No entanto, ao fim do relato, a entrevistada fala que o arrefecimento da pandemia e o ressurgimento de uma perspectiva de retorno à normalidade num futuro próximo foram elementos positivos que a ajudaram a melhorar sua condição de saúde mental e bem-estar geral.

No contexto da pandemia, o ensino remoto foi destacado pela maioria como elemento negativo em sua experiência universitária. Destacaram-se relatos sobre problemas na formação sem a presencialidade, o atraso, confusão e incertezas quanto ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e aos estágios obrigatórios, sobretudo nos cursos onde a presencialidade é mais exigida, como Medicina e Psicologia. O ensino remoto trouxe desorganização e confusão na rotina acadêmica, já que a adaptação ao regime remoto foi feita praticamente *Ad hoc* – as rodas do carro foram sendo trocadas com o automóvel andando, para usar uma metáfora popular. Juntando-se a isso, houve sobrecarga de trabalho, com o acúmulo de tarefas remotas que aumentaram o volume de produção acadêmica em comparação com o regime presencial. A falta de sensibilidade pedagógica da FURG, dos cursos e dos professores também foi destacada como fator negativo na pandemia, os quais

procuraram, não só manter o regime de produção, como superar os efeitos negativos do ensino remoto, aumentando, assim, a sobrecarga de trabalho. Esses problemas na execução do ensino remoto foram associados pelas estudantes a sentimentos como frustração, desmotivação e idealização da realidade. Também foram relatados os problemas técnicos do ensino remoto, como problemas de conexão, problemas esses que também sentimos na hora de realizar nossas entrevistas. Por fim, é citada a negligência por parte de alguns colegas no ensino remoto, com câmeras fechadas, onde, muitas vezes, o estudante sequer está presente ou muito pouco.

A fala da Participante VII dá o tom às críticas gerais dos participantes quanto ao ensino remoto:

Também, principalmente no ensino remoto, tirando os encontros síncronos, tu não tens contato com professor, é através de mensagem, né, então, é bem diferente assim, eu senti bastante dificuldade inclusive de me organizar, né, acho que todo mundo, já que é uma coisa muito nova, de se organizar no ensino remoto, pra que se conseguisse terminar as coisas a tempo e, às vezes, não dá tempo de fato de tu veres todo o conteúdo pra poder entregar o trabalho, tu tens que especificar, isso não só com alunos da FURG, mas eu já tinha percebido com outros alunos também, que enfrentaram isso no ensino remoto, e tu precisas focar num trabalho, lá, pra fazer, porque tem prazo pra terminar e tu não consegues ver toda a matéria, todo o conteúdo, aí, tu tens que focar justamente no conteúdo que o trabalho pede, né, mas não seria o correto, o correto seria tu conseguir ver todo o (conteúdo, suponho), se no presencial já era difícil, no remoto é muito mais, porque passa muito rápido e as coisas com prazo, além de serem, de terem, de trazerem uma carga muito enorme de coisas, né, pra fazer, de ansiedade, também, né, mexe bastante com as emoções esse negócio de prazo pra entrega, e tu consegues lidar com todo o conteúdo, né, conteúdos que, às vezes, são dados em um mês na faculdade presencial, são dados em uma aula, tu tens um prazo de uma semana pra fazer uma atividade, é muito pouco tempo, né, isso acaba sendo bem desgastante, assim, e exaustivo também...(P VII, RS)

A narrativa supramencionada expressa alguns dos problemas relacionados ao ensino remoto, provocados pela pandemia na experiência universitária da entrevistada. Desses problemas, destacam-se a sobrecarga de trabalho e o curto prazo para a execução de tarefas.

Num estudo sobre carga de trabalho mental de universitários em regime remoto devido à pandemia de COVID-19, Oliveira & Lucena (2020, p.12) falam sobre os impactos negativos do ensino remoto na saúde mental, através de

indicadores obtidos por meio do método *Subjective Mental Workload Scale* – ESCAM, organizado numa escala *Likert* que varia de 1 a 5:

Sobre a carga mental, é possível observar que o semestre remoto exige bastante dos alunos, já que a maior pontuação obtida na escala é de 5 pontos e o fator de demandas cognitivas obteve uma pontuação de 4,26. Esta alta demanda pode ocasionar problemas sérios a saúde psicológica e a saúde física dos estudantes, tais como estresse, fadiga, ansiedade, depressão e dores musculares, pelo grande período de estudo e ambiente inadequado, tais consequências podem ser analisadas em trabalhos futuros.

Entretanto, nem tudo o que foi relatado quanto à pandemia foi associado a aspectos negativos. Duas participantes relataram que o regime remoto e o confinamento foram positivos para seu desempenho acadêmico, por terem mais tempo e maior tranquilidade para os estudos. Também foi destacada a economia de recursos, tempo e energia por não precisarem se deslocar diariamente ao *campus*. Algumas puderam retornar às famílias, outras tiveram a família vinda morar com eles em Rio Grande, importante suporte psicossocial nesse momento. O ensino remoto também possibilitou que elas pudessem continuar sua formação sem atrasos significativos. O relato da Participante IV representa o lado positivo desencadeado pela pandemia, ainda que involuntário:

Aí, eu vim pra cá, gastando dinheiro, porque não pagava luz, não pagava água, não pagava nada, né... Devia ter juntado...aí, eu tive um processo, tive que gastar um dinheiro meu, mas só que, aí, tipo que me aproximou foi que eu tive chance de ficar sete meses, oito meses com a minha mãe viva...eu tive oportunidade de vida, da pessoa que ficou oito meses com a minha mãe antes de morrer, coisa que eu não ficava com ela, nunca, esse tempo todo, sabe...antes de eu ir embora, depois que eu fui embora, eu nunca tinha ficado com a minha mãe tanto tempo seguido, e eu tive a chance de ficar oito meses com a minha mãe viva, e eu (fui), a última pessoa a falar com ela, a última, tudo, eu que fiz tudo, então, se eu tivesse aí, isso ia me atrapalhar, eu nunca iria me perdoar, entende, tipo, eu tive a chance de enterrar a minha mãe...mas, antes de enterrar a minha mãe, eu tive a chance de viver com ela...(P IV, SP)

A fala acima expressa uma consequência positiva do contexto da pandemia na vida pessoal da entrevistada, pelo fato de ter tido a oportunidade de viajar para conviver com a mãe em seus últimos momentos de vida. Embora no contexto da totalidade dos relatos da entrevistada haja menção a aspectos negativos oriundos da pandemia, como a perda de um ente querido em decorrência do vírus COVID-19, a oportunidade de conviver com a mãe, com

quem muito pouco convivera na vida, sobretudo em seus últimos dias de vida, foi considerada como um dos melhores acontecimentos de sua vida.

O próximo tópico trata de uma análise das experiências das entrevistadas à luz da teoria da Sociedade do Cansaço, de Han (2015).

4.2.3 – *Experiências de Imigração Universitária e Saúde Mental na Sociedade do Cansaço*

Neste tópico, analisamos as experiências estudantis das entrevistadas à luz da teoria da Sociedade do Cansaço, de *Byung-Chul Han (2015)* e de seus desdobramentos. Para Han (2015), nosso modelo de sociedade atual, com um estilo de vida baseado na produtividade e no consumismo exagerados, é movido pelos ditames do capitalismo em sua fase atual e de sua gigantesca máquina de produção econômica da vida em escala globalizada e exponencial, amparada na ética do lucro acima de tudo e do crescimento econômico ilimitado.

A cidadania, isto é, o pertencimento à cidade, a *Polis*, à sociedade, em suma, a vida em comum e a própria humanidade é medida e valorizada socialmente pelas relações de mercado, pelas relações de trocas, produção e consumo do capitalismo avançado e globalizado. Nessa dinâmica psicossocial, a produção, seja por parte de pessoas físicas ou jurídicas, excede patologicamente a capacidade de digerir o que é produzido, material e imaterialmente, de modo saudável, causando o inchaço nos sistemas psicossociais, assim como provocando exaustão e colapso pelo excesso de produtividade.

A imperatividade e a hiperatividade ideológicas, forças constitutivas dos nossos sistemas de informação e comunicação sociais dominantes, que induzem as instituições e as pessoas a produzirem sempre mais e sem descanso no atual estágio de nossa sociedade capitalista, têm como efeitos negativos o estresse físico, mental e – pode-se acrescentar - também ambiental. Por outro lado, a subjetividade se vê prejudicada por se ver obrigada a produzir muito além do que suas forças permitem e a consumir muito mais do que tem capacidade de absorver. A ética da inovação como imperativo da

sociedade da produtividade relega o antigo a um status negativo, como algo velho e ultrapassado cujo objetivo é superar em vistas de evoluir, inviabilizando qualquer forma de estabilidade das formas, materiais e imateriais que permitem a instituição de bases de sustentação psicossociais. Assim, a sociedade e os sujeitos são empurrados a uma espiral caótica que sempre visa a um futuro que rejeita qualquer tipo de raiz, qualquer tipo de estabilidade, qualquer tipo de referência, qualquer tipo de passado, criando uma ruptura temporal que afeta negativamente a subjetividade. Essa dinâmica psicossocial frenética e incessante baseada na ética e nos comportamentos voltados para a superprodução e para o superconsumo capitalistas, na visão de Han, é responsável pelo colapso das forças físicas, sociais, psicológicas e – acrescento – ambientais de nosso tempo. Produzir e consumir sempre e mais, tanto no plano material com no plano psicológico, como *modus vivendi* de nossa sociedade atual é o que, para Han, tem levado aos surtos de colapso físico nas pessoas, como infartos, derrames e outras doenças derivadas de uma vida de excessos, assim como colapsos psíquicos, como estresse, ansiedade e depressão, entre outras psicopatologias.

O atual sistema psicossocial ditado pelos interesses do capitalismo avançado e globalizado, primeiro cansa, depois esgota e, por fim, adoece, física e mentalmente, gerando também, como efeito colateral, o sentimento de impotência, que, por sua vez, gera frustração, um dos sentimentos que está na raiz do descontentamento social generalizado contra o sistema social capitalista que estamos vivenciando.

Nesse sentido, foi possível perceber no relato da maioria das entrevistadas a menção a aspectos negativos experienciados em sua trajetória na FURG em relação à sobrecarga de trabalho, estresse, exaustão física e mental, corroborando, em muitos aspectos, com as considerações de Han sobre a Sociedade do Cansaço. Para representar a experiência concreta de aspectos da teoria da Sociedade do Cansaço, enfatizaremos o relato que consideramos mais significativo, da participante VIII:

Sim, com certeza, inclusive, me faz, eu, nossa, fico muito estressada demais e é muito difícil, depois, de liberar esse estresse, parece algo

que fica, sabe, dentro da gente, e também sai, assim, o corpo também responde, né, eu tenho enxaqueca crônica, me dá crises de enxaqueca, eu fico doente, agora eu não tô doente porque eu não tenho mais contato com gente, né...mas, eu lembro que sempre, no final do semestre, assim, ó, regra, sempre, sempre, sempre, no final do semestre, eu pegava uma gripe muito forte e ficava de cama uma semana...porque eu já tava, assim, frágil, de estresse, de tanto ter que produzir, né, que eu acabava ficando doente, literalmente doente, era muito nítido que era sempre no final de semestre...e, deixa eu ver o que mais...eu tinha mais, é que eu me perdi um pouquinho, porque eu lembrei disso, mas eu tinha outra coisa pra falar...não, mas eu acho, assim, que é exagerado, que é uma enchessão de linguíça, porque são muitos trabalhos mesmo, assim, muitos trabalhos, e, às vezes, eu vejo, assim, principalmente de seminários, que, às vezes, os professores meio que nos fazem dar aulas por eles, então, isso demanda muito tempo, demanda muita energia pra gente, pra conseguir organizar, e, às vezes, é seminário e trabalho escrito também, de sei lá eu quantas mil páginas, é...a Psico é, assim...enquanto os outros cursos eu vejo, por exemplo, na Engenharia tem muita prova (...)...não, é que, em outros cursos, por exemplo, nas Engenharias, tem muita prova, muita prova, muita lista de exercícios pra fazer e tal, e, na Psico, é o contrário, assim, não tem muita prova, só que tem trabalhos que, assim, demandam muito mais da gente, de tempo, pedem muitos, muitos trabalhos, assim, escritos, os seminários, né, e são coisas que, eu acho, assim, que pesam, às vezes, mais do que fazer uma prova...porque, pra prova, pelo menos, eu estudaria, assim, todo o conteúdo e tal, chega no dia, tá, faz a prova, ok...só que os trabalhos, a gente passa muito tempo pesquisando sobre um assunto específico e a gente acaba não focando, assim, no geral, assim, na ideia que a cadeira quer passar mesmo...então, porque, às vezes, não agrega muito pro meu conhecimento, porque eu preferiria saber algo mais geral do que trabalhar algo específico, assim, que eu tenho mais interesse...então, eu acho que a gente fica muito nessa, nessa enchessão de linguíça, é bem isso mesmo – enchessão de linguíça...(P VIII, RS)

Na fala supracitada, a entrevistada narra uma experiência acadêmica sobrecarregada pelo excesso de produtividade, que a adoce física e mentalmente, uma característica da Sociedade do Cansaço. O crescimento e o acúmulo excessivo de tarefas em curtos períodos de tempo se somatizam através de doenças físicas, como enxaquecas crônicas e fragilização do sistema imunológico. Além do corpo, a mente também é afetada negativamente, através de sentimentos como a desmotivação e perda de interesse.

Do ponto de vista estritamente acadêmico, a maioria das entrevistadas reclamou sobre a sobrecarga de trabalho imposta pelo regime estudantil. Contudo, a participante VIII foi a mais enfática sobre esse aspecto, considerando-o excessivo e catalisador de uma série de problemas de saúde física e mental. Ela reclamou veementemente a respeito do volume enorme de tarefas que a vida acadêmica exige do estudante, particularmente no curso

dela. Quantidades enormes de textos para ler, ensaios, seminários, participação em grupos de estudo, estágios e, ao final, o TCC, entre outros. Cita a falta de sensibilidade pedagógica dos professores, “que encham os alunos de leituras e escritas como se só existisse a disciplina deles”, segundo ela. Esse volume excessivo de tarefas e ações exigido pela vida acadêmica é, para ela, o mais das vezes, despido de sentido, identificação ou interesse, deixando-a, além de exaurida física e mentalmente, constantemente desmotivada e frustrada. Ela tem, muitas vezes, a sensação de estar fazendo a maioria das tarefas a ela imposta por fazer, desperdiçando tempo e energia, “enchendo linguiça”, como destacou. Essa carga de trabalho excessiva lhe adoece constantemente, mental e fisicamente, sobretudo ao final dos semestres. Destaca também a sensação da ausência de consequências práticas da maioria das atividades que faz na faculdade. Ressaltou também o choque inicial entre a formação precária da escola pública e as exigências mais altas da graduação, e que esse volume enorme de tarefas a cumprir atrapalha uma compreensão mais panorâmica da área de estudo em que irá se formar. Essa sobrecarga que esgota, que frustra e que adoece já não é fruto apenas da vida acadêmica, mas é imanente à própria lógica de funcionamento da Sociedade do Cansaço. Segundo Han (2015, p. 6)

A violência neuronal não parte mais de uma negatividade estranha ao sistema. É, antes, uma violência sistêmica, isto é, uma violência imanente ao sistema. Tanto a depressão, assim como o TDAH ou o SB, aponta para um excesso de positividade. A SB é uma queima do Eu por superaquecimento, devido a um excesso de igual. O hiper da hiperatividade não é uma categoria imunológica. Representa uma massificação do positivo.

O relato da Participante VIII destaca as exigências excessivas da vida acadêmica:

Com certeza, com certeza...às vezes, eu, ah, eu sou bastante crítica, assim, da academia, dessa produtividade, assim, desenfreada, né, que, às vezes, nem serve pra agregar ao conhecimento, às, vezes, é muito fechada dentro da universidade, né...não, não traz muitos efeitos benéficos mesmo pra comunidade, né, não visa a isso, e...assim, às vezes, na faculdade, eu, às vezes, penso que eu tô fazendo as coisas só por fazer, sabe...escrevo não sei quantas mil páginas, assim, só que, no final, aquilo não leva a muita coisa, né...(eu: não faz sentido)...é, não faz muito sentido, porque não agrega conhecimento, tanto pras pessoas quanto pra mim, porque, às vezes, eu escrevo páginas e páginas e páginas de algo que...não é muito relevante, assim, pra mim, eu só tenho que fazer um trabalho

mesmo, que eu tô fazendo aquilo porque eu tenho que fazer um trabalho, que eu não me relaciono com aquilo afetivamente, né, e que só o professor vai ler aquilo, ou, às vezes, nem lê, né...então, eu realmente gostaria de ter outro tipo de avaliação mesmo, sabe...porque eu não vejo, assim, muito sentido em algumas coisas, eu fico extremamente irritada, assim, principalmente em final de semestre, porque eu me vejo fazendo coisas, me estressando muito por coisas que não fazem muito sentido, que são só firulas, assim...(P VIII, RS)

A citação acima expressa outro efeito do excesso de produtividade da vida acadêmica, de caráter filosófico, na subjetividade da entrevistada: o sentido da vida. A sobrecarga de trabalho tributária do excesso de leituras e escritas prejudica a compreensão geral do fazer enquanto sentido de vida. A entrevistada, muitas vezes, não percebe sentido algum naquilo que faz em relação àquilo que pensa para a própria vida, o que lhe suscita sentimentos como desmotivação, frustração e descrença.

A maioria das entrevistadas reclamou da correria do dia a dia estudantil, onde mal tinham tempo para si ou para necessidades básicas como se alimentar e descansar satisfatoriamente. As entrevistadas que faziam movimento pendular entre cidades lindeiras e o *campus* da FURG, em Rio Grande, sofriam mais pelos constantes deslocamentos e pelo menor tempo livre para si, vivendo um cotidiano mais apertado. Não só atividades acadêmicas, mas problemas no trânsito e trabalho (sobretudo estágios remunerados) também foram destacados como fortes estressores, sobretudo mentais. O relato da Participante I narra um pouco dessa experiência corrida no cotidiano universitário, agravada pelos problemas de trânsito da cidade:

(...) você tem horário, porque o meu horário era tudo... eu ia pra aula, então, eu tinha os meus horários especificados: ó, de onze e meia a meio dia: almoço...meio dia a uma: pegar o ônibus e ir pro centro...de cinco a seis horas, eu já tinha que tá voltando do centro, pra poder estar na universidade às 18h, pra poder jantar e pegar as aulas às 18h50...isso pegando fila, pegando ônibus, então, eu tinha tudo num esquema...por isso que eu falo que, é, a cidade não tem estrutura pra poder, em horários de pico, pras pessoas pegarem ônibus...porque, eu já passei...se você pegar um ônibus a partir de cinco e meia (17:30h), você não consegue chegar às sete horas (19h) na universidade...você precisa pegar ônibus até às cinco (17h), porque aí o... ônibus chega ali na Junção (paradouro da integração), para...os carros param, os ônibus param, e você não consegue jantar, você não consegue chegar na aula no horário...quantas pessoas que a gente conhecia, por exemplo, vou te contar um episódio, por exemplo, a minha turma, ela é bastante unida, porque, igual eu te falei, ou são das pessoas que têm o privilégio de sair do ensino médio e ir direto pra

universidade, e dos pais de famílias, gente que estão, assim como eu, é...correndo atrás dos estudos pra mudar de vida...então, teve um dia, que um dos alunos chegou oito e meia (20:30h) dentro da universidade, todo o mundo já tinha feito prova, e a gente só não entregamos as nossas provas, porque a gente tava esperando esse aluno chegar....a fila tá tão grande, tão grande, que tá assim, gente, to no ônibus, gente, o ônibus não anda, eu não vou conseguir chegar, desculpa, avisa o professor aí e vê o que vai fazer depois, mas eu não vou conseguir fazer a prova...aí, a gente conversou com o professor, então, assim, ó, se vocês toparem, vocês terminam a prova de vocês e ficam na sala...então tá, assim que o aluno chegou dentro da sala, todo o mundo levantou, entregou a prova pro professor, vamos embora, e o aluno foi fazer a prova...eram mais de oito e meia (20:30h), sendo que a prova começou às dezoito e cinquenta (18:50)...isso por causa de trânsito e ônibus aqui na FURG...é complicado..(P I)

O trecho acima narra um cotidiano bastante corrido, típico da Sociedade do Cansaço, com a necessidade de deslocamento para atender as demandas da vida acadêmica altamente prejudicada pelos problemas de trânsito da cidade. Às vezes, não dá tempo para se alimentar adequadamente ou se é obrigado a recorrer à boa vontade de colegas e professores para conseguir cumprir certas tarefas.

Conforme Han (2015, p.1)

Visto a partir de uma perspectiva patológica, o século XXI (...) é definido como (...) neuronal. Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de Personalidade Limítrofe (TPL) ou Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas infartos provocados, não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade

Por fim, a maioria das entrevistadas destaca que o ensino remoto piorou a situação, aumentando uma carga de trabalho já sobrecarregada, bem como introduzindo confusão através do seu *modus operandi*. Nesse sentido, entendemos a afirmação de Baudrillard (apud Han, 2015, p.1), quando diz que “há um parentesco secreto entre virtualidade e viralidade” na Sociedade da Positividade, na Sociedade do Cansaço, da “violência da positividade, que resulta da superprodução, superdesempenho ou supercomunicação (...)” (Han, 2015, p.4).

As discussões relacionadas à imigração universitária e saúde mental envolvem questões complexas. No próximo tema, abordaremos, de modo especial, os fatores de proteção psicossocial nesse contexto.

4.3 - Tema III - Fatores de Proteção Psicossocial nas Experiências de Imigração Universitária

O Tema III - Fatores de Proteção Psicossocial nas Experiências de Imigração Universitária apresenta os elementos psicossociais mais significativos no tocante à experiência universitária das entrevistadas, os quais atuaram como proteção em relação à saúde e bem-estar das estudantes, assim como na subjetividade como um todo. Como fatores decisivos e positivos (protetivos) para lidar e superar os problemas de saúde mental aqui experienciados e os desafios em geral, destacaram-se o *apoio institucional*, o *apoio familiar* e o *apoio social*.

O *apoio institucional*, representado pela assistência estudantil da FURG, sobretudo via PRAE, foi relatado como um pilar fundamental para a maioria das entrevistadas, tanto em relação ao auxílio material básico, quanto à oferta de profissionais em Saúde para os estudantes. A fala da Participante III personifica bem a importância do apoio institucional da FURG como fator de proteção à saúde mental e ao bem-estar geral dos estudantes:

Quando eu cheguei aqui, as pessoas falavam pra mim: ah, porque a FURG é mãe (...)...e eu não entendia – como assim, a FURG é mãe?...pra mim, era uma instituição federal, onde havia os repasses do governo, às vezes sim, às vezes não, e, enfim, respondia apenas ao próprios interesses, mas não...a FURG é composta por pessoas, que tão interessadas realmente em ajudar os estudantes, que tão realmente interessadas em construir uma formação pra aquela pessoa, não só acadêmica, mas uma formação enquanto pessoa mesmo, então, os projetos que a FURG propõe, os projetos de extensão, e todo o auxílio da PRAE, sabe...então, assim, hoje, realmente, eu falo e repito o que as pessoas me falaram – a FURG é mãe, sabe...as pessoas que estão, ali, na casa do estudante, têm as suas vidas transformadas, muitas delas, né...me falaram, não sei se é verdade, que a casa do estudante, aqui, da FURG, é referência no Brasil, eu não sei se tem algum estudo, alguma pesquisa falando disso, mas, mesmo se não tiver, eu vou levantar um estudo sobre isso, porque, é incrível a casa do estudante, lá, tem uma estrutura ótima, sabe, se quebra uma máquina de lavar, eles prontamente vão lá consertar, tão sempre, a questão de segurança, tem seguranças, porteiro, e aí, alimentação, e tudo, enfim, e a gente se sente mesmo

menos desamparado, né, pessoas que vêm de tão longe, eles têm essa consciência de que essas pessoas vêm, não só com demandas em relação aos estudos, mas vêm com demandas emocionais, e é por isso que a FURG é mãe, porque ela está disposta a abarcar também essas questões, sabe, então, você se sente um pouco menos sozinho, assim...então, é incrível...(P III, BA)

Na fala supracitada, a entrevistada valoriza o apoio institucional que a FURG lhe oferece, não apenas em nível material, mas também em nível emocional e afetivo, social e humano. A FURG lhe acolhe, cuida e se preocupa com sua saúde e bem-estar, assim como de sua subsistência e formação acadêmica, profissional e cidadã. Essa experiência com a institucionalidade da FURG gera um sentimento referido à semelhança das relações entre mãe e filho.

Sobre a assistência estudantil em termos de Saúde Mental, falamos De Moraes, Mascarenhas & Ribeiro (2010, p.65)

Os resultados sugerem a necessidade de desenvolver trabalho de atuação psicopedagógica e psicológica com os estudantes do ensino superior, com o objetivo de contribuir para curar a saúde psicológica dos estudantes, o que exerceria efeitos sobre a melhoria das relações interpessoais, bem como uma melhor participação e aproveitamento dos benefícios e oportunidades oferecidos pela universidade. Tal perspectiva apoia-se na evidência de que as atitudes de zelar pela promoção e manutenção da própria saúde ou o contrário, são comportamentos aprendidos, podendo estar nas agendas das lideranças em educação para a saúde como forma de viabilizarem ações que favoreçam a prevenção e promoção da qualidade de vida e do bem-estar psicossocial em todos os contextos da convivência humana saudável (...).

Numa perspectiva de saúde mental e atenção psicossocial baseada no relato da experiência dos sujeitos, a FURG cumpriu a contento o seu papel com todas as entrevistadas, possibilitando que as estudantes atravessassem seus problemas e desafios e chegassem até então de forma positiva por meio das várias formas institucionais de auxílio estudantil, não só material, mas também psicossocial. Por isso, grande parte se referiu à FURG como “mãe”, aquela que acolhe, que cuida, que zela, que protege.

O *apoio familiar* também foi relatado pela maioria como fator decisivo em face dos desafios enfrentados na experiência acadêmica. A Participante V destaca o apoio psicossocial da família para sua saúde mental e bem-estar:

Sim...é...e aí, então, eu procurei sempre, assim, não me ater a esse, falar, sabe, falar com as pessoas sobre isso, falar com a minha irmã, falar com todo o mundo, assim, o que eu tô sentindo, porque, então, com essa minha amiga, com os meus colegas, né, expressar o que eu tava sentindo, porque, na cabeça, às vezes, vai afundando, coisas que, na verdade, não têm tanto peso assim, se tu coloca em palavras, então, escrever, ou, procurei, né, agora eu criei, assim, outra visão de que, por exemplo, eu tô em casa, então, eu tô aproveitando os últimos anos dos meus avós, que moram aqui perto, que têm 90 anos, 95, então, eu pensei, ah, uma boa oportunidade pra mim ir todos os dias conviver com eles, e eu, ah, que bom que foram nos meus primeiros anos da faculdade, que eu tive que ficar em casa, então, não tô perdendo tanta coisa, como a prática clínica, sabe, procurar ver as pequenas coisinhas, assim, na minha bolha, que são positivas, porque, se eu for olhar o espectro, realmente não tenho do que reclamar...(P V, RS)

Na fala acima, a entrevistada expressa a importância que o apoio familiar teve no contexto de sua experiência universitária, como fator positivo para a manutenção de sua saúde mental e bem-estar, sobretudo no período da pandemia. A família lhe deu um suporte material e psicossocial importante para que pudesse atravessar o momento crítico da pandemia de forma saudável, incluindo a continuidade de sua formação acadêmica.

Carneiro & Batista (2012, p.168), falam sobre a relação entre percepção de apoio familiar e saúde geral em universitários:

Souza, Baptista e Alves (2008) estudaram a relação entre percepção de suporte familiar e saúde geral (...). Os resultados indicaram (...) (que), quando menor a saúde mental, pior a percepção de suporte familiar do sujeito.

Salientando que o apoio e a participação familiar no processo de discussão e promoção da saúde mental e geral é um dos pilares do modelo de Saúde Mental e Atenção Psicossocial defendido por Amarante (2011) e por esta pesquisa.

O terceiro grande fator protetivo em face dos relatos das experiências das entrevistadas aqui foi o *apoio social*. Foi destacado, sobretudo, o acolhimento secular e religioso. Optamos por essa distinção entre apoio secular e religioso no sentido que dá, por exemplo, Moniz (2021), numa relação de oposição, onde o secular se refere à experiência não diretamente relacionada à religião. Amarante (2011) ressalta a importância da participação social na prevenção e proteção em termos de saúde mental e atenção

psicossocial, num movimento em que a sociedade assume a responsabilidade sobre os efeitos que causa e contribui para a solução dos problemas.

O acolhimento positivamente diferenciado, não somente da comunidade universitária, mas também, para algumas, da própria população de Rio Grande, foi citado como outro pilar psicossocial importante e positivo em sua experiência aqui. A fala da participante V ressalta a importância do acolhimento que recebeu aqui, sobretudo na FURG:

É, eu fiquei pensando nisso, quando eu falo, fico batendo na mesma tecla, assim, aí, do acolhimento da FURG sei lá o que, porque que eu penso que eu moro numa cidade de 3000 habitantes e aí eu sinto que é assim também, minha família, meus pais têm muito isso, de acolher, de ser solícito com as pessoas, né, pra se sentirem bem, confortáveis, quando estão na nossa companhia ou quando estão na nossa casa, e aí parece que a FURG, o prédio da Psicologia, têm essa vontade também, e os professores, os professores também, essa vontade de fazer a gente se sentir em casa, também na FURG, sabe, como se fosse a nossa casa também, e aí é isso que eu sinto de relação...(P V, RS)

O trecho supracitado expressa a importância que a entrevistada atribui ao acolhimento social e afetivo recebido por ela na FURG, fato que repercutiu positivamente em sua subjetividade. A estudante associa o tratamento que recebeu na universidade ao tratamento que recebe da própria família, experiência que produz um sentimento de identidade positivamente forte dela para com a instituição. Aqui, a FURG não é considerada uma mãe, mas uma família inteira.

Girardi (2015, p. 60) ressalta a importância da integração do estudante imigrante na comunidade de acolhimento mediada pela universidade como ação decisiva, não somente para a adaptação do estudante que veio de fora, mas também para seu desempenho, saúde e bem-estar

A literatura trabalha, principalmente, com dois tipos de serviços relacionados com a população de universitários imigrantes: serviços da própria universidade e serviços de saúde mental da rede pública. O papel da universidade na integração e adaptação desses estudantes é essencial. A oferta de serviços – desde bibliotecas até oferta de serviços de saúde e de aconselhamento – no campus das universidades facilita a integração (...).

A religiosidade foi outro pilar psicossocial importante para ao menos quatro entrevistadas, tanto pelas crenças em si quanto pelo acolhimento por parte de comunidades religiosas locais. Nesse sentido, destaque para as falas das participantes IV e VI:

E o prédio da obra missionária é um casa, com três andares, assim, aí, tem os quartos, um monte de quartos lá, que todo mundo que se sentir confortável pode ir e ficar, entende...é uma casa de passagem, também...só que as pessoas lá não são loucas...mas, é, tipo, assim, então, eu fui lá, fui no aniversário dele, até, que eu comecei a conviver com ele, foi a partir do aniversário dele...aí, nisso, eu já convivi, tipo, tem várias famílias, que vão lá, que são da obra missionária, entende, são, como eu posso falar, são consagradas à obra...(...) eu comecei a frequentar, comecei a ir nas missas, ia todas as terças feiras, aí, já comecei a ir no sábado, domingo, aí, já ia, tipo, ficar nos finais de semana...(...) você conhece várias famílias, então, você frequenta a casa de várias pessoas, e essas pessoas, você passa Natal, você passa Ano-Novo com essas pessoas, e, tipo, até hoje, tem aquela preocupação, quando começou a pandemia, um monte de pessoas da obra me mandaram mensagens, perguntando se eu tava precisando de alguma coisa, que eles levavam pra mim, então, tipo, nem precisei, quando a minha mãe tava internada, o tanto de mensagem que eu recebi, quando a minha mãe morreu, o tanto de mensagem que eu recebi...na obra tem bastante gente que é da minha idade, então, assim, tipo, fiz várias amizades, que eu tenho um grande amigo, fora, que é da obra e que é mais novo que eu...então, tipo, meio que se tornou uma família que eu não tive, sabe, ele se tornou um pai, uma visão paterna que o meu pai nunca foi...e é aquela visão paterna, de se preocupar, de ser, assim, tipo, alguma coisa bem assim, sabe, tipo, que eu sou uma pessoa muito fácil de comprar o carinho, mas, tipo, se a pessoa sabe, se você comentou uma vez que você gosta de tomar leite com café e a pessoa nunca comprou leite com café, mas ela compra, porque sabe que você gosta, fala assim, eu trouxe leite pra você tomar com café, eu já fico, tipo, aquela questão, eu sou muito carente nesse sentido, nessas coisas, assim, sabe, da lembrança...e isso não é só ele, é todo mundo lá é assim (...) (P IV, SP)

Ali (na comunidade religiosa), nossa, é a segunda família...são pessoas que a gente, todo o dia, se fala, nem que seja aquela mensagem de bom dia, boa semana, como é que tá...aquelas pessoas que, assim, ah, deu algum problema aqui, a gente sabe que pode contar, então, ali, é uma família que, enfim não tem nem o que falar, né, desse pessoal da paróquia...acolheram, assim, como família mesmo...(P VI, RS)

Nesse sentido, podemos correlacionar, a partir dos estudos de Girardi (2015), que a religiosidade adquire o status de um fator protetivo na experiência estudantil universitária imigrante:

A religião é um elemento que estrutura a identidade coletiva, possuindo função psíquica de dar sentido e coerência às experiências e vivências, promovendo o sentimento de pertencimento e atuando

de forma positiva na saúde mental (...). No contexto de imigração, a religião também assume o importante papel na integração e na construção de redes desses sujeitos (...). Freitas (2013) aponta o papel da religiosidade em imigrantes como fator protetivo, que vai desde a fé pessoal até o papel exercido pelas igrejas e comunidades religiosas como fonte de apoio social e psicológico. Nesse mesmo sentido, muitos dos participantes trouxeram consigo a importância de frequentar instituições religiosas e as relacionaram como um local no qual criaram círculos de relações. (Girardi, 2015, pp. 138-139)

Nos relatos acima, as entrevistadas frisam e valorizam o acolhimento social recebido por comunidades religiosas locais, ambas católicas, e o quanto esse acolhimento ajudou positiva e decisivamente na manutenção de sua saúde mental e bem-estar em suas experiências na cidade-sede da FURG. Esse acolhimento lhes deu suporte social, comunitário, material, afetivo e espiritual para atravessarem os desafios da nova experiência, tornando as comunidades religiosas em extensões afetivas das próprias famílias.

No próximo tema, abordaremos as mudanças na subjetividade e as perspectivas futuras constituídas a partir das experiências de imigração universitária.

4.4 - Tema IV - Experiências de Imigração Universitária: mudanças na subjetividade e perspectivas de futuro

O Tema IV - Experiências de Imigração Universitária: mudanças na subjetividade e perspectivas de futuro e seus subtemas apresentam aquilo que de mais significativo ocorreu na subjetividade das entrevistadas no decorrer de sua experiência como estudante imigrante na FURG, a partir de seus relatos. Transformações de crenças, valores e comportamentos, visões sobre si, sobre os outros e sobre o mundo se destacaram nas narrativas. Também apresenta suas perspectivas de futuro.

Como o objetivo principal desta pesquisa é investigar os efeitos que a experiência estudantil universitária na FURG enquanto imigrante tiveram em suas subjetividades, optamos por fazer a pergunta (Apêndice IV) que deu origem a este tópico. A ideia é saber, através dos relatos dos entrevistados, o que mudou durante suas experiências em suas visões de mundo, de si

mesmas e da sociedade. Experiências pessoais, mas também coletivas, que transformam as subjetividades. Segundo Maciazeki-Gomes (2017, p.36):

Para Judith Revel (2011), no final de 1970, a noção de experiência e trabalhada por Foucault para além do si, “a experiência é algo que realizamos sozinhos, mas que só é plena na medida em que escapa a pura subjetividade; em outras palavras, outros podem cruzá-la ou atravessá-la novamente” (Revel, 2011, p.65). O atravessamento da experiência pelo outro, a situa imersa em um campo político, em uma prática coletiva, podendo ser associada à transformação, à “resistência aos dispositivos de poder (...) quanto aos processos de subjetivação”.

Assim, as mudanças subjetivas instauradas pelas experiências de imigração universitária são tomadas como uma produção coletiva. Neste sentido, passam a ser compreendidas a partir das narrativas das experiências que envolvem as relações pessoais, familiares, sociais e institucionais que atravessam o contexto de imigração universitária.

4.4.1 – Desenvolvimento psicossocial, quebra de preconceitos e convivência com a diferença

Dos relatos produzidos nas entrevistas, todos, sem exceção, declararam ter passado por profundas transformações psicossociais em suas subjetividades. Dentre essas mudanças significativas, destacam-se amadurecimento, crescimento e aprendizado de vida, efeitos esperados no desenvolvimento psicossocial dos sujeitos.

Algumas relataram ter revisto seus preconceitos de origem, no que se referia à raça, classe e sexualidade, sobretudo, com a convivência com as diferenças e a diversidade humana no *campus*. Nesse sentido, ressaltam que se tornaram mais tolerantes, mais compreensivas, mais respeitosas, mais solidárias e empáticas, mais sociáveis, mais dialógicas.

Nesse sentido, representa a fala da participante I:

É...primeiro que, muitas coisas que eu fazia, hoje tento ser mais consciente, essa questão, tanto racial quanto de gênero e sexualidade, eu amadureci bastante...eu aprendi que...que o preconceito te derruba, destrói muita coisa...eu aprendi a ser mais tolerante...eu aprendi a ser mais...a me importar menos com coisas que, literalmente, não é da minha conta...deixa eu ver...porque, da onde eu vim, eu não sei se era muita ingenuidade, se eu fui muito

protegida, muito privilegiada, ou eu era muito cega, em relação em relação a questão de cor...da questão de...de...do gênero sexual da pessoa...pra mim, continua não importando, a pessoa é o que é, mas eu consigo, já, além de...é, mas se ela tá sendo prejudicada de alguma maneira pelo meu modo de falar ou pelo modo de falar das pessoas que estão a minha volta...isso eu já consigo ver, eu já consigo, ah, fulano, você tá sendo idiota; ei, fulano, o que você tem a ver? (P I, MG)

Na fala anterior, a entrevistada relata como a experiência de convivência na universidade mudou sua subjetividade em relação a certos valores oriundos de sua criação, na terra natal. Embora a participante em questão confesse nunca ter atribuído muita importância a questões relativas às relações sociais de gênero, raça e sexualidade, com a experiência na FURG, sobretudo pela convivência com a diversidade social e humana existente no *campus*, passou a perceber o traço preconceituoso de sua cultura natal sobre esses aspectos, compreendo melhor essas relações e mudando sua perspectiva em relação às mesmas.

Conforme Kammsetzer & Palombini (2017, p.284):

A diversidade de experiências dos jovens tem relação com a própria diversidade social que constitui os lugares. (...) As relações estabelecidas nos lugares definem o modo como serão apreendidas as leis, valores e normas colocadas no social.

Amarante (2011) fala da necessidade, sob a perspectiva psicossocial, da importância da emergência de novos modos de perceber e lidar com os problemas humanos amparados na diversidade e na diferença humana, um processo psicossocial entendido como civilizatório. A convivência na universidade tem instaurado espaços de reflexão e diálogo sobre valores e costumes, possibilitando a abertura para novos modos de vida. É sobre isso que será abordado no próximo tópico.

4.4.2 – Transformações na subjetividade e criação de novos critérios de mundo

Algumas entrevistadas relataram transformações positivas em suas subjetividades em relação à sua experiência anterior à universidade, que entendiam como problemáticas. Entre elas, citam que conseguiram trabalhar questões relacionadas: a agressividade, a intransigência, a timidez excessiva,

a introversão, o medo da vida, o extremo perfeccionismo, a exagerada autocobrança, os problemas de autoaceitação e de autoestima. Ao menos quatro participantes relataram ter se tornado mais otimistas em relação à vida e ao mundo, enquanto duas, ao contrário, tornaram-se mais pessimistas nesse aspecto. Todas elas “criaram novas narrativas de vida” (P VIII, RS) e “novos critérios de mundo” (P VII, RS), para utilizar as palavras de duas das entrevistadas.

A fala da Participante II ressalta as mudanças em sua subjetividade:

Hoje, eu tenho um temperamento diferente...antes, eu tinha um temperamento, pra começar, diferente...eu fui criada a resolver as coisas muito na agressão, na violência, então, tipo assim, se tinha alguém me incomodando, eu ia lá, tirar satisfação, dessa pessoa, eu ia lá, querer brigar, querer...sabe...de repente, querer partir pra cima, eu tinha isso muito enraizado...o jeito da gente resolver as coisas, onde eu fui criada, era assim...e, hoje, eu vejo que isso não leva a lugar nenhum, que eu só estaria dispensando energia, de que não tem necessidade, de que as coisas podem ser resolvidas no diálogo...hoje, inclusive, eu sou uma pessoa muito mais passiva...(do que) antes, por estar fora convivendo com outras pessoas também...eu comecei a ter uma, um choque de realidade, com criações diferentes, então, eu também aprendi a lidar com isso, aprendi que as coisas não, não vão ser sempre do meu jeito, que as pessoas têm jeitos diferentes de pensar, de agir...e de que eu ia tentar entrar em harmonia com isso...(P II, SP)

O trecho acima expressa mudanças consideradas significativas e positivas no modo como a estudante buscava se relacionar com outras pessoas, sobretudo quando dela discordavam. A convivência com diferentes subjetividades e modos de vida, experimentada na universidade, transformou o jeito como estabelecia seus relacionamentos, antes pouco transigentes e até mesmo agressivos e violentos, em maior compreensão e tolerância em relação à diversidade e à diferença social e humana.

Nesse sentido, Barros e Passos (2015, p.151) falam que as narrativas são

(...) uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas teórico, mas um problema político.

A maioria ressaltou ter adquirido maior confiança em si mesma, maior segurança e destemor em relação à própria vida, maior independência pessoal. A participante I definiu sua experiência estudantil como “libertadora”:

Pessoalmente, é libertador...é libertador, porque é...eu não sei você, quais foram os seus impulsos pra ter um diploma e continuar estudando...pra mim, é essa mesmo, de liberdade, de poder escolher, de poder falar assim: eu posso, eu quero, eu consigo...é meu...pra que, a gente não sabe...mas é meu, é, ó (ela faz um gesto, erguendo o punho, em sinal de vitória)...(P I, MG)

O uso do termo libertador para se referir sobre sua experiência universitária na condição de imigrante chama a atenção, na medida em que a Liberdade compõe um dos três pilares de sustentação simbólica da cultura política ocidental, juntamente com a Igualdade e a Fraternidade, lemas da Revolução Francesa de 1789 e de nossas atuais Democracias. Para ela, todo o esforço despendido para tornar real o sonho de emancipação como mulher, como profissional e como cidadã germinou, até o momento, num sentimento de liberdade e de empoderamento perante a própria vida.

A maioria declarou ter expandido seus horizontes de mundo, sua percepção sobre a realidade se ampliou significativa e positivamente. Esse movimento, diretamente ligado à condição de imigração e de convivência na e em função da universidade, descobriu novas metas de vida que antes não cogitavam como seguir carreira acadêmica, prestar concurso público, obter um emprego melhor remunerado e até mesmo a descoberta dos rumos que queriam dar à própria vida. O Participante X ilustra bem essa expansão dos horizontes de mundo:

Então...difícil...eu acho que eu me entendo melhor, assim, em relação de termos objetivos, assim, de vida...naquele período, eu tinha uma imaginação um pouco mais forte, eu não tinha muita noção de realidade, assim...e, agora, eu tenho um pouco mais noção de realidade, digamos assim...então, entendo um pouco melhor o mundo do trabalho, entendo melhor as necessidades do dia a dia, entendo muitas coisas que, naquele período, eu não fazia ideia, quando eu saí da casa da minha mãe com um kit de poucas roupas numa mochila, eu bati na casa do meu tio: tio, posso ficar aqui? (P X, RS)

A fala acima expressa uma percepção de melhoria em relação ao entendimento de si, da vida, do mundo e da sociedade, decorrida de sua

experiência na universidade. O mundo percebido não apenas se expandiu, mas foi sendo transformado pelo confronto com a realidade social vivida.

Em resumo, podemos afirmar, sem dúvida, que, a partir dos relatos apresentados pelas entrevistadas, a experiência universitária na FURG, enquanto estudante imigrante produziu efeitos percebidos como positivos na subjetividade e na vida de um modo geral. Vale destacar que ocorreram mudanças singulares narradas na experiência de vida de cada uma das participantes, mas também mudanças sociais, na qual nos constituímos sujeitos. Neste sentido, a entrada na universidade contribuiu para criação de novos critérios de mundo, que dizem dos modos de se ver, relacionar-se com outros, bem como da organização e planejamento de projetos futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após tudo o que foi apresentado e discutido até aqui, propomos uma síntese conclusiva sobre os resultados desta pesquisa, que tem como principal objetivo identificar e compreender os efeitos que a condição de estudante universitário de graduação imigrante causa em suas subjetividades, afim de que se possam oferecer subsídios às autoridades e à sociedade em geral a respeito da condição, dos desafios e das demandas dessa população estudantil específica, além de colaborar com os estudos sobre o tema que relaciona imigração, universitários e subjetividade. Para tal, organizamos e analisamos os relatos das participantes a partir de quatro eixos temáticos e seus respectivos subeixos. No primeiro, traçamos um perfil geral das participantes e trazemos à baila suas motivações para imigrar para estudarem na FURG, em Rio Grande-RS. No segundo tema, tratamos das experiências vividas pelas entrevistadas na FURG, ressaltando o campo da Saúde Mental, posto ter sido um tema dominante nos relatos narrados. Nesse sentido, procuramos analisar quais foram e como se deram os problemas relacionados à Saúde Mental das participantes. Também analisamos as experiências das participantes no contexto da pandemia e sob a ótica da Sociedade do Cansaço de Byung-Chul Han (2015). No terceiro eixo temático, analisamos os principais fatores de proteção psicossocial que se destacaram nos relatos e, por fim, no

quarto e último tema, analisamos as mudanças na subjetividade e as perspectivas oriundas da experiência universitária imigrante.

Podemos perceber que a maioria das pessoas entrevistadas é jovem e mulher, que nunca havia saído do seio familiar e do local de origem. A vinda para Rio Grande e para a FURG ocorre, para a maioria, sem conhecimento prévio do lugar onde se irá estudar e sem nenhum contato prévio com as pessoas. Quase metade é de baixa renda, sendo que, mesmo as autodeclaradas de classe média não estão imunes de problemas financeiros, pois, apesar de não terem mencionado diretamente, nenhuma é de classe média alta. A maioria vem de escola pública, que é notoriamente precária em face da preparação para as exigências de uma vida universitária. A maioria refere à entrada na universidade como um período da vida de transição, mudanças e desafios significativos, vivendo a primeira grande experiência psicossocial de suas vidas, como protagonista do próprio devir. Características individuais diversas, tratamento psicoterápico e/ou medicamentoso anterior, além da pouca idade, entre outros, foram associadas como disparadores e/ou agravantes de situações estressantes, ansiogênicas e/ou depressivas.

Pelos relatos, vimos que a maioria das participantes teve sua vida e subjetividade significativamente impactadas quando da chegada à FURG até os primeiros dois anos de graduação, situação agravada pelos efeitos da pandemia. Sendo assim, destaca-se o período de ingresso até os primeiros dois anos, como períodos que demandariam planejamento institucional no que se refere à acolhida e ao suporte para o enfrentamento das adversidades.

As questões relacionadas à pandemia de COVID-19 se fizeram indispensáveis, tanto para as experiências e relatos das entrevistadas quanto para a análise e produção dos dados desse estudo. É nesse período que ocorreram os problemas mais significativos, sobretudo em termos de saúde mental e física, mas também de adaptação e desempenho acadêmico. Como vimos, os primeiros dois anos desde que essas estudantes imigrantes chegaram à universidade foram os mais desafiadores em termos de organização e adaptação ao novo local e/ou região de moradia e de estudo.

Na pandemia, as mudanças no processo de ensino, a passagem para o ensino remoto, as dificuldades de acesso e de conexão produziram efeitos negativos na saúde mental e nos sentimentos de bem-estar das estudantes. Entre os agravantes apontados, estão a perda da presencialidade e da convivência no campus, o isolamento social e consequente redução da constituição de redes de apoio psicossocial. Esses fatores estiveram associados a sentimentos de frustração, de desvalia, de desmotivação, além de queda no rendimento e desempenho estudantil, e em alguns casos, desesperança em relação ao futuro e reavaliação da permanência na universidade.

Diante das situações mais difíceis, o apoio familiar, o apoio institucional e o apoio social, este representado pelo acolhimento pela FURG e até mesmo pela cidade do Rio Grande, foram destacados como fatores de proteção para que essas estudantes imigrantes pudessem superar essa fase inicial de vulnerabilidade psicossocial, mantendo-se até o momento da entrevista de modo relativamente satisfatório. A importância decisiva do apoio da família, tanto do ponto de vista financeiro quanto psicológico, foi um fator positivo de destaque pela maioria. Durante a pandemia, algumas voltaram para suas famílias e lugares de origem, outras tiveram a família vinda morar em Rio Grande, e, em ambos os casos, essa presença lhes deu forças para superar as adversidades e prosseguir. A assistência estudantil, relacionada ao suporte financeiro e de saúde, também foi determinante para o êxito da experiência estudantil da maioria das participantes, reforçando a importância desse apoio institucional, de sua qualificação e expansão. Por fim, o forte acolhimento geral da comunidade universitária da FURG ou/e da comunidade riograndina também foi destacado como importante esteio psicossocial em suas experiências estudantis, incluindo comunidades religiosas.

Com o apoio familiar, institucional e social experienciado, as participantes conseguiram superar e vencer desafios, prosseguindo em seu processo de formação. Características pessoais como comportamentos, valores, ideias, visões de si, do outro, de sociedade e do mundo se transformaram significativamente com a experiência universitária, para melhor.

O afastamento da família e do local de origem, por um lado provocou efeitos negativos no início, por outro, no decorrer do processo, as experiências foram possibilitando o desenvolvimento de uma série de novas características psicossociais percebidas como positivas: amadurecimento, aprendizado de vida, autodescobertas, realizações pessoais, independência, protagonismo sobre a própria vida. Velhos preconceitos de origem, sobretudo em relação à raça/cor da pele, sexualidade, gênero e classe socioeconômica foram transformados de maneira positiva a partir da experiência estudantil imigrante na FURG. Essas transformações foram consideradas pela maioria das entrevistadas como diretamente responsáveis por torná-las pessoas melhores, sobretudo pela convivência diária no *campus* universitário, com sua diversidade humana.

Dentre os objetivos dessa pesquisa, destaca-se o de encaminhar o conhecimento produzido, a fim de subsidiar a intervenção na realidade da população estudada para propiciar melhores condições em sua permanência na universidade e em sua saúde e bem-estar em geral, característica de uma pesquisa do tipo Intervenção. Nesse sentido, comungo com e trago à tona as sugestões das participantes sobre o que fazer com o conhecimento produzido por este estudo, a fim de contribuir, enriquecer e tornar os resultados desta pesquisa uma construção coletiva, assim como o fora todo o processo, conforme a ética que assumimos aqui. No tocante às sugestões supracitadas, elas representam uma convergência entre as posições das participantes, a minha e o que sugere a literatura aqui abordada.

Algumas entrevistadas sugeriram o investimento em apoio psicossocial e material por parte da universidade, voltado para as necessidades específicas do estudante imigrante. Constituição de grupos de apoio social e psicológico com a consequente constituição de experiências positivas e fortalecimento e ampliação de apoio material, sobretudo aos de baixa renda, foram às sugestões mais declaradas em vistas da prevenção da evasão, dos problemas de saúde mental, do mau desempenho acadêmico e da melhoria das condições gerais de vida na experiência desses estudantes na universidade.

Dentre as sugestões relatadas pelas participantes, também se destaca a necessidade de conscientização geral (instituição, docentes, técnicos, terceirizados, estudantes e a sociedade em geral) sobre as características e demandas específicas da população estudantil universitária imigrante. Nesse sentido, a promoção de campanhas publicitárias de conscientização institucional e a criação de projetos voltados para essa população são algumas sugestões, com incentivo ao acolhimento, à sensibilização e à constituição de redes de apoio psicossociais, principais vulnerabilidades desses estudantes, sobretudo quando chegam aqui, sem conhecer ninguém.

Destarte, concluímos que a população de estudantes imigrantes da FURG, representada pelas dez entrevistadas nesse estudo, por ser de fora, por “não ser daqui”, é uma população que apresenta experiências, desafios e demandas especiais, que exige um olhar e uma ação diferenciados, sobretudo na chegada e durante os primeiros dois anos de vida universitária, em especial para os estudantes de baixa renda e com foco na saúde mental. Reforçar os laços com a família, integrando-a às relações com a universidade, qualificar e expandir o sistema de auxílio estudantil em todas as suas dimensões no bojo de políticas públicas e sociais, e promover a conscientização geral e a constituição de redes de apoio psicossociais voltadas para o estudante imigrante, sobretudo em termos de acolhimento, são sugestões que este estudo propõe às autoridades em geral, políticas ou universitárias, e à comunidade e à sociedade como um todo.

Entre as limitações deste estudo, está o número reduzido de participantes pertencentes a uma única instituição de ensino, composto majoritariamente por mulheres. Essas questões inviabilizam qualquer intenção de generalização dos resultados obtidos. Por sua vez, como característico da abordagem qualitativa, os resultados produzidos remetem problematizações situadas num lugar e contexto específicos, sendo as análises voltadas para a complexificação e aprofundamento das discussões, contribuindo para se pensar em estratégias para populações e situações similares.

Para estudos futuros, sugere-se a realização de pesquisas que contemplem, além das narrativas dos estudantes, também o conjunto de agentes que produzem a experiência universitária, como a própria instituição e seus servidores. Bem como, as questões que este estudo deixa em aberto, como as discussões relacionadas às dimensões cultural, de gênero e socioeconômica das experiências dos estudantes imigrantes e os impactos que provocam em suas subjetividades e comportamentos.

Por fim, cabe salientar que este estudo, a partir da Psicologia Social em sintonia com a linha de pesquisa Psicologia Comunitária e Processos Psicossociais, tem o compromisso de dar visibilidade a essas questões para que possam ser discutidas e encaminhadas de forma coletiva e comunitária. E assim, contribuir para que os estudantes universitários imigrantes, vindos de diferentes lugares, mesmo “não sendo daqui”, possam se sentir acolhidos e amparados pela instituição de ensino e pela comunidade na realização dos estudos, bem como em sua formação profissional, cidadã e humana de forma plena.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, E.S.G. (2016). *Aspectos cognitivos e não-cognitivos na adaptação de estudantes universitários (i)migrantes*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco - UFP. 92pp.
- Albuquerque, F.D.N., Almeida, T.A., Araújo, L.F., Silva, C.P. e Sousa, F.A. (2018). *Psicologia e saúde mental: um estudo das representações entre universitários de Psicologia*. Revista Salud & Sociedad, v.9, n.3, pp.210-220.
- Almeida, L.P. e Souza, E.M. (2019). *Políticas públicas para a educação superior no Brasil e a mobilidade estudantil interna*. Revista Trayectorias Humanas Transcontinentales, n.4. ISSN 2557-0633, pp. 22-33.
- Amarante, P. (2011). Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Rio de Janeiro: Fiocruz (3ª edição), 120pp.
- Ariño, D.O. e Bardagi, M.P. (2018). *Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários*. Revista Psicologia em Pesquisa. UFJF, Juiz de Fora (MG), 12(3), pp 44-52.
- Barros, L.P e Kastrup, V. (2015). *Cartografar é acompanhar processos*. In: Pistas do Método Cartográfico: Pesquisa-Intervenção e Produção de Subjetividade. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (Orgs.). Porto Alegre (RS): Sulina, 207pp.
- Barros, R.B e Passos, E. (2000). *A Construção do Plano da Clínica e o Conceito de Transdisciplinaridade*. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa. Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília - UNB. Brasília (DF), v. 16, n. 1, pp. 71-79.
- Barros, R.B e Passos, E. (2015). *A Cartografia como Método de Pesquisa-Intervenção*. In: Pistas do Método Cartográfico: Pesquisa-Intervenção e Produção de Subjetividade. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (Orgs.). Porto Alegre (RS): Sulina, 207pp.

Barros, R.B e Passos, E. (2015). *Por uma Política da Narratividade*. In: *Pistas do Método Cartográfico: Pesquisa-Intervenção e Produção de Subjetividade*. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (Orgs). Porto Alegre (RS): Sulina, 207pp.

Barufi, A.M.B. (2014). *Impacto do acesso ao ensino superior sobre a migração de estudantes universitários*. In: *Avaliação de Políticas Públicas no Brasil: uma análise de seus impactos regionais*. Guilherme Mendes Resende (editor). Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas - IPEA. 352pp.

Bastos, J.L.D., Coelho, I.Z, Massignam, F.M. e Zunino, L.M.R. (2016). *A discriminação no ambiente universitário: quem onde e por quê?* Revista Saúde & Transformação Social, v.16, n.1. Florianópolis (SC), ISSN 2178-7085, pp. 13-30.

Benjamim, W (1987). *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas, v. I. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnabin. São Paulo (SP): Brasiliense, 254pp.

Bauer, M.W. e Gaskell, G (2008). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7ª edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 516pp.

Borges, L.M. e Girardi, J.F. (2017). *Dimensões do sofrimento psíquico em estudantes universitários estrangeiros*. Revista Psico, 48 (4). Porto Alegre (RS), pp. 256-263.

Braga, A.L.S., Oliveira, A.G.S., Ribas, B.F., Cortez, E.A., Mattos, M.M.G.R., Marinho, T.G., Cavalcanti, T.V.C. e Dutra, V.F.D. (2017). *Promoção à saúde mental dos estudantes universitários*. Revista Pró-univerSUS. 08 (1); pp. 48-54.

Braun, V e Clarke, V. (2006): *Usando Análise Temática em Psicologia*. Tradução Luiz Fernando Mackedanz. Acessado em (24/08/2020): https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3563462/mod_resource/content/1/Braun%20e%20Clarke%20-%20Traduca%20do%20artigo%20Using%20thematic%20analys.pdf

- Collado, C.F., Lucio, M.P.B e Sampieri, R.H. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. Tradução de Daisy Vaz de Moraes. 5ª edição. Porto Alegre (RS): Penso, 595pp.
- Costa, L.A. e Fonseca, T.M.G (2008): *Da Diversidade: Uma Definição do Conceito de Subjetividade*. Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology, v. 42, n. 3, pp. 513-519.
- Dagalarrondo, P., Dogra, N., Júnior, A.S., Rachkorsky, L.L e Ronzoni, P. (2016). *Experiências percebidas de discriminação e saúde mental: resultados em estudantes universitários brasileiros*. Revista Serviço Social & Saúde. Campinas (SP), v.15, n.2 (22), pp. 273-298.
- Escóssia, L. e Tedesco, S. (2015). *O Coletivo de Forças como Plano de Experiência Cartográfica*. in: *Pistas do Método Cartográfico: Pesquisa-Intervenção e Produção de Subjetividade*. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (Orgs). Porto Alegre (RS): Sulina, 207pp.
- Filho, K.P. e Martins, S. (2007). *A Subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s)*. Revista Psicologia & Sociedade, v.19, n.3. Porto Alegre (RS), pp. 14-19.
- Freitas, MFQ. Intervenção psicossocial e compromisso: desafios às políticas públicas. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. *Diálogos em psicologia social* [online]. Rio de Janeiro: Centro. Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 370-386. ISBN: 978-85-7982-060-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- FURG, Universidade Federal do Rio Grande (2021). *História e Apresentação*. Retirado de www.furg.br/história e www.furg.br/apresentação, em 03/12/2021.
- Ghebreyesus, T.A. (2022). *OMS: pandemia está longe do fim, mas pior da onda de Ômicron pode já ter passado*. Organização das Nações Unidas (ONU) – Brasil. Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/168822-oms-pandemia-esta-longe-do-fim-mas-pior-da-onda-de-omicron-pode-ja-ter-passado>.

Girardi, J.F. (2015). *Impactos psicológicos da imigração voluntária: a experiência de universitários imigrantes*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis (SC), 180pp.

Han, B.C. (2015). *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis (RJ): Vozes, 53pp.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2013): *Glossário do Atlas do Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro (RJ), pp.209-213.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019): *Divisão Regional do Brasil*. Retirado da webpage <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?=&t=o-que-e>, em 10/08/2019.

Kammsetzer, C.S e Palombini, A.L. (2017). *Território e Subjetividade: narrativas de jovens em uma remoção urbana*. Fractal: Revista de Psicologia, v.29, n.3, pp. 280-287.

Li, D.L. (2016). *O Novo ENEM e a Plataforma SiSU: efeitos sobre a migração e a evasão estudantil*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo - USP. 108pp.

Lobo, C. e Da Cunha, J.M.P (2019). *Migração e mobilidade pendular nas áreas de influência de metrópoles brasileiras*. Mercator: Fortaleza (CE), v. 18, e18017. ISSN: 1984-2201, 15pp.

Lucchese, R., Souza, K., Bonfin, S.P., Vera, I. e Santana, F.R. (2014). Prevalência de transtorno mental comum na atenção primária. *Acta Paul Enferm.*; 27(3):200-207.

Maciazeki-Gomes, R.C. (2017). *Narrativas de si em movimento: uma genealogia da ação política de mulheres trabalhadoras rurais do sul do Brasil*. Tese apresentada como requisito final para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia pelo Programa Doutoral em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, em regime do cotutela. Cidade do Porto (POR)/ Florianópolis (SC), 231pp.

Maciel, S.C., Medeiros, K.T., Sousa, P.F. e Vieira, G.L.S. (2016). *Atitudes e representações em saúde mental: um estudo com universitários*. Revista Psico, Universidade São Francisco - USF. Bragança Paulista (SP), v.21, n.3, pp. 527-538.

Martins-Borges, L. e Silva-Ferreira, A. V. (2019). *Perfis e demandas dos universitários junto à seção de Psicologia da UNILA*. Artigo apresentando no Congresso de Internacionalização da Educação Superior. Foz do Iguaçu (PR), pp. 175-176.

Moniz, J.B. (2021). *Covid-19 em Portugal: A liberdade religiosa na era secular*. In: Dossiê - Covid-19: acesso a direitos, desigualdades sociais e (re)arranjos institucionais no controle da pandemia em Portugal e no Brasil. Fórum Sociológico nº 39, Lisboa (POR), versão impressa, ISSN 0872-8380, versão On-line ISSN 2182-7427.

Pacce, B.D., De Goes, I.G., Marshall, E. e Maciazeki-Gomes, R.C. (2021). *Narrativas de um Estágio em Psicologia Social em Tempos de Pandemia de Covid-19*. Revista Signos, Lajeado, ano 42, n. 2, 2021. ISSN 1983-0378 DOI: <http://dx.doi.org/10.22410/issn.1983-0378.v42i2a2021.3020>, pp. 248-264.

Paixão, C.F (2010). *A flexibilidade do sistema de educação superior e a lógica da sociedade globalizada: um estudo sobre as instituições de ensino superior de Pelotas/RS*. Tese de Doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, Programa de Pós-Graduação em Educação. São Leopoldo/RS, 285pp.

Palombini, A.L. (2007). *Vertigens de uma Psicanálise a céu aberto: a cidade*. Tese de Doutorado apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Saúde Coletiva, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva - área de concentração em Ciências e Sociais do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, 247pp.

Prefeitura Municipal do Rio Grande (2021). *Rio Grande, Cidade Histórica*. Retirando de <https://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/rio-grande-2/#link>, em 03/12/2021.

Universidade Johns Hopkins (2021). *Repositório de dados COVID-19 pelo Centro de Ciência e Engenharia de Sistemas (CSSE)*. Retirado de <https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19>, em 24/12/2021.

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Ministério de Educação
Universidade Federal do Rio Grande
Instituto de Ciências Humanas e da Informação
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Nível Mestrado

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado Estudante Universitário,

Nós, Isadora Deamici, Sylvia Barum, Calebe Garcia e Everton Brum Braga, mestrandos/as do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), gostaríamos de convidar você a participar da pesquisa “Vivências dos estudantes universitários brasileiros dentro e fora do contexto universitário”. Nosso objetivo é conhecer o perfil dos estudantes maiores de 18 anos e as suas vivências dentro e fora do contexto universitário. Para tanto, serão abordados os temas da imigração, satisfação acadêmica, procrastinação, violência vivenciada ao longo da vida, crenças sobre violência sexual e resiliência. Uma pequena parcela de estudantes que imigraram de uma das regiões Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste para estudar no extremo sul será convidada para uma segunda etapa da pesquisa que abordará, de forma qualitativa, esse deslocamento e os processos subjetivos associados. Caso você seja convidado, a entrevista por vídeo será agendada com você. Esses procedimentos e a pesquisa online foram escolhidos em decorrência dos cuidados de biossegurança da COVID-19 e dos Planos de Contingência das universidades brasileiras.

Para participar da pesquisa você precisa ser estudante universitário e estar matriculado em cursos de graduação e pós-graduação nas instituições de ensino superior privadas e públicas do Brasil. Você levará em torno de 25 minutos para responder aos instrumentos. Solicitamos que você preencha um questionário com

dados sociodemográficos e algumas escalas que avaliam os temas da pesquisa. Sua participação é inteiramente voluntária. O questionário é individual, anônimo e sigiloso. Os seus dados serão guardados com segurança e será garantido o acesso ao registro sempre que solicitado. A sua participação envolve o que chamamos de risco mínimo, pois você poderá lembrar algum fato desconfortável que aconteceu em algum momento da sua vida. Caso isso ocorra, você pode recusar ou deixar de participar a qualquer momento, sem nenhum prejuízo e/ou discriminação. Você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Prof^a. Dra. Simone Paludo, no prédio do ICHI, na sala do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na Av. Itália, km 8, Campus Carreiros, Rio Grande, RS, Brasil, telefone: 3293.5047, ou por e-mail (simonepaludo@furg.br) ou ainda com o CEP/FURG (endereço: segundo andar do prédio das Pró-Reitorias, Carreiros, Avenida Itália, Km 8, Bairro Carreiros, Rio Grande-RS, e-mail: cep@furg.br, telefone: 3237-3013). O CEP/FURG é um comitê de análise e aprovação ética de todas as pesquisas envolvidas com seres humanos, assegurando o respeito pela identidade, integridade e dignidade. Não haverá qualquer custo ao participante e não haverá nenhuma forma de compensação financeira. Esse projeto foi submetido e apreciado pelo CEP/FURG.

Não há benefícios diretos aos participantes. No entanto, ao participar você estará contribuindo para o desenvolvimento deste estudo, que poderá auxiliar na criação de estratégias capazes de fomentar um contexto universitário mais saudável para os estudantes. Os resultados deste estudo serão utilizados apenas para fins de pesquisa e publicações em eventos e artigos científicos.

Ao confirmar a caixa abaixo declaro que estou ciente dos termos da pesquisa.

Tendo em vista o exposto nesse Termo, EU:

() Declaro que li, compreendi o TCLE e aceito participar desta pesquisa.
Você pode acessar uma cópia do TCLE em pdf aqui.

() Declaro que li, compreendi o TCLE e que NÃO aceito participar desta.

Desde já, agradecemos sua contribuição e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos por meio dos e-mails indicados. É previsto ao final do preenchimento o envio de um agradecimento pela participação e de um roteiro

indicando serviços existentes para atenção ao estudante universitário e suas demandas por saúde de uma forma geral. Caso queria uma devolução individual dos seus dados, pode clicar [aqui](#).

Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande
(FURG)

Av. Itália, km 8, Campus Carreiros, Rio Grande, RS, Brasil CEP: 96203-900

APÊNDICE II - QUESTÕES PARA O INSTRUMENTO GERAL

- Você veio de outra cidade ou região do Brasil, ou ainda de outro país para estudar na FURG?

SIM () - Não ()

- Caso tenha respondido afirmativamente à questão anterior:

Você considera que essa condição, de ter vindo de outro lugar para estudar, tem(teve) algum efeito na sua vida cotidiana? Ou seja, afetou seu modo de pensar, de se comportar e de se relacionar com outras pessoas e consigo mesmo(a)?

SIM () - Não ()

- Caso tenha respondido afirmativamente à questão anterior:

Você gostaria de contribuir com sua experiência para uma pesquisa que trata desse assunto, a relação entre imigração e subjetividade?

SIM () - Não ()

- Caso tenha respondido afirmativamente à questão anterior, favor deixar seus dados de contato (e-mail, telefone), bem como a melhor forma e momento para entrarmos em contato e outras observações que achar pertinente:

Dados do contato:

Nome:

Idade:

Cidade de origem:

E-mail:

Telefone:

Observações para contato:

APÊNDICE III – BANNER DA PESQUISA ONLINE (CONSÓRCIO)

**FURG**
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE

**PPGPsi**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM PSICOLOGIA

Vivências dos Estudantes Universitários

Se você tem 18 anos ou mais e está matriculado em algum curso de graduação ou pós-graduação te convidamos a participar da nossa pesquisa, *"Vivências dos Estudantes Brasileiros fora e dentro do contexto universitário"*.



Ela tem o objetivo de conhecer um pouco mais o perfil dos estudantes brasileiros.

Demora apenas 15 minutos para responder!

Utilize o QR-code ou o link ao lado para acessá-la.

APÊNDICE IV – ROTEIRO DISPARADOR/ORIENTADOR

Agradecimentos.

Apresentação: eu, PPG, pesquisa, orientadora e consórcio.

Questões éticas. TCLE

Gravação e opcionalidade. Linha do tempo.

Perfil: idade, gênero/sexualidade, cor/raça/etnia, classe socioeconômica, renda, curso, ingresso (idade e ano), situação letiva, religião, família, moradia, filhos, estado civil, origem.

História de vida: antes (nascimento – Pré-FURG) e depois (após FURG até então)

FURG – Curso – RG (PEL-SJN: pendular)

Saúde mental

Redes de apoio psicossociais

Pandemia

Ensino remoto

Contraste (lá e aqui)

Han

O que mudou

Estratégias psicossociais

Estudos como o meu

Como achou e porque participou

Sugestões

Falar algo mais e se está bem

Encerramento

Agradecimentos

Desejo de boas coisas.

Codinome

Feedback

Dissertação

Whats

Despedida.